



EDIÇÃO Nº 2 ANO 1 MAIO/2019





EDITORIAL

to a arte de Mató atomiza a estética fez, no século XX o artista reordenou as coiconvencional e a reorganiza em labirintos, sas. "Fiat artem" e a arte se fez e ainda se faz mais escritores se aglutinam em volta des- pelo que diz e pelo que quer dela mesma. sa nova tribo virtual. Haverá futuro? Será o deve ser recolocada na contemporaneidade. turo, a maioria das pessoas não acreditaria no nosso presente, tão prosaico, tão insosso. Tudo seria mais interessante: carros voadosempre com a pedra filosofal da tecnologia.

Contudo, o progresso sonhado por Júlio Verne num mundo ordeiro e limpo, o futuro de paz e prosperidade, o amanhã nascido para seres superiormente inteligentes, perdeu-se em guerras e outras atrocidaalternativo ao otimismo passado, mais à moda de Aldous Huxley e George Orwell. Renasceu o Frankenstein de Shelley, reencarnado em muitos monstros que Stevendelicados e racionais. Somos os humanos de sempre: macacos que fazem ironia.

com Franz Kafka e, finalmente, indetermifustigou Duchamp. A arte é o vem do artista com a literatura. Responda você!

ixé na praça! Nesta edição, o leitor per- e, portanto, é o próprio artista nominando a si ceberá um duplo movimento: enquan- e à obra. Se Deus ordenou "fiat lux" e a luz se

No contemporâneo, o futurismo de Mafim da História? A provocação de Fukuyama rinetti tornou-se passadismo? A vanguarda cedeu à retaguarda? O quão moderno conti-O papo está difícil? A gente descomplica. No nua o modernismo? Que modernidade não passado, ao fechar os olhos e imaginar o fu- se tornou conservadora? Não temos o distanciamento suficiente para responder a todas as perguntas no turbilhão do tempo--instante. O fato é que muito de Severini e de res, turismo espacial, contato alienígena, a Russolo, outro tanto de Balla e de Prampolini cura de todas as doenças. Viveríamos para habitam na arte de Maria Pia Tedesco, a nossa Mató. Com os futuristas italianos, a geometria deixou de ser a expressão da certeza para envolver a humanidade em armadilhas, labirintos, ansiedades e desilusões.

Não nos parece que tenhamos superado os questionamentos do século XX. Até des. Dessa desilusão, nasceu um futuro mesmo o conceito de "superação" envelheceu. Portanto, as antigas noções de rompimento, de revolução e de vanguarda passaram a ser tão cíclicas e tão quotidianas que perderam o sentido. Pensando bem, trocason anteviu para essa humanidade-desu- mos a paranoia da superação pela convimana. Não ficamos nada parecidos com os vência com a diversidade, a despeito dos alienígenas dos filmes: mais altos, magros, rótulos que não passam de reducionismos.

Talvez o ser humano nunca supere a si mesmo, condenado a viver de meras atuali-O futuro não é mais como era antigamen- zações para as mesmas perguntas de semte. O século passado virou de pernas pro ar o pre. O monólito de Arthur Clark ainda não que se esperava dele. Na literatura, o homem foi decifrado, desde os australopitecos até o virou mulher com Virgínia Wolf, virou barata homo tão pouco sapiens. Talvez seja assim que devamos interpretar os fragmentos de nou-se com Samuel Beckett. Nas artes plásti- Mató: monólitos de tempo, perplexidades cas, todas as certezas derreteram com Dali e sobre o que somos, de onde viemos e para despedaçaram-se com Picasso. O que é arte?, onde vamos. Talvez seja assim também



EXPEDIENTE

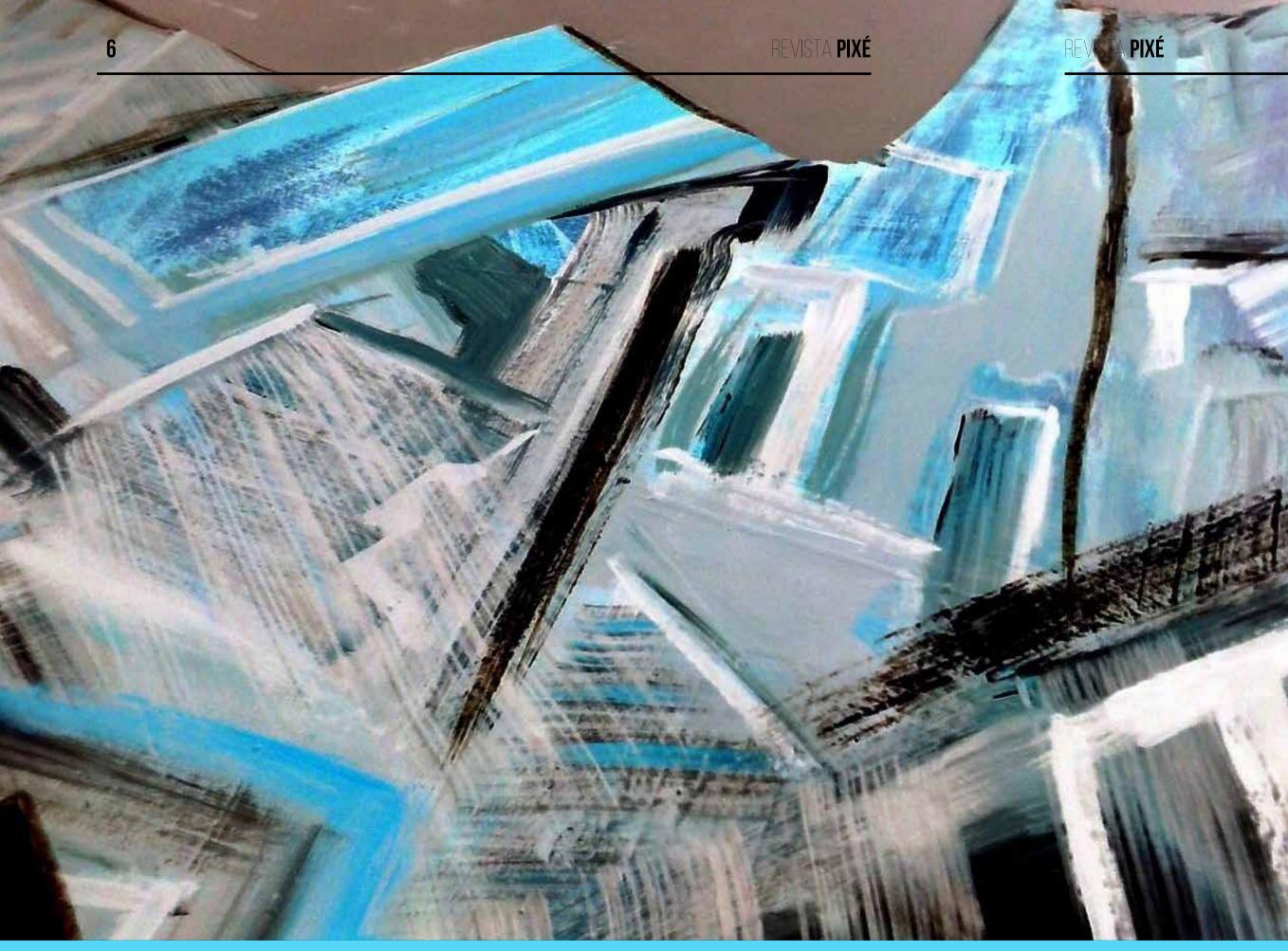
Direção Geral: Eduardo Mahon

Colaboradores desta edição: Agnaldo Rodrigues da Silva, Aclyse Mattos, Ademir Pinheiro, Eduardo Mahon, Everton Barbosa, Helena Werneck, Marta Cocco, Luciene Carvalho, Lívia Bertges, Danilo Fochesatto, Marli Walker, Pablo Rezende, Lorenzo Falcão, Amauri Lobo, Caio Augusto Ribeiro, Icleia Rodrigues Lima, Mató Pia Tedesco, Cristina Campos, Divanize Carbonieri, Odair de Morais, Isaac Ramos, João Bosquo Cartola, Sergio Alessandro Soares, Anna Maria Ribeiro, Julio

Custódio, Lucinda Persona, Stéfanie Sande, Raquel Naveira, Marcelina Oliveira, Klaus Henrique Santos, Luiz Renato de Souza Pinto, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Anna Maria Ribeiro Costa

Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

Artista Visual Convidado: Mató Pia Tedesco



O MINHOCÃO DE CÁCERES

(Quem conta um conto, aumenta um ponto)

enda? Vocês são descrentes, crianças! Isso é falta de Deus no coração.

Onde já se viu, duvidar dos mais velhos? – Esbravejava a tia Margarida, colocando fumo no seu cachimbo.

Margarida era uma tia com certa idade. De estilo peculiar, carregava sempre o mesmo estilo, olhar, sorriso e jeito de conversar. Apesar do nome, não tinha nada de flor, cujo humor era um tanto duvidoso, às vezes bem me quer, às vezes mal me quer, do tipo oito ou oitenta, vai ou racha! O fato é que nem sempre a tia estava de bem com a vida.

Naquele fim de tarde, ela ralhava conosco devido a nossa descrença sobre a lenda do minhocão que, conforme os antigos, vivia embaixo da catedral de São Luiz de Cáceres. Diante da nossa descrença, entre uma pitada e outra, contou-nos uma estória que ainda alimenta o imaginário popular de nosso povo. Sentada no banquinho de madeira, bem do lado do fogão à lenha que dava para a janela com vista à casa de vovó, empenhou-se em atribuir veracidade ao relato.

Naquela época, crianças, lembro-me bem como se fosse hoje, eu era menina. Corria a notícia da construção de uma catedral, que batizariam com o nome do padroeiro da cidade. Na mesma época, coisas estranhas começaram a acontecer. Galinhas, porcos, bezerros, cachorros e outras criações começaram a desaparecer misteriosamente, principalmente pelas bandas de certa usina de produção de açúcar e álcool. O bochicho tomou conta da cidade e as beatas encarregaram-se de azucrinar o padre para que ele desse o alerta aos fiéis.

Dado o alvoroço, os moradores apressaram-se para investigar o caso. Cacerense é triste! Eita povo que não brinca em serviço! Pois, não é que descobriram a causa? Era uma serpente gigante que andava daqueles lados, era tão grande que conseguia sugar

PIXÉ 8

> todo sangue de uma pessoa em poucos minutos. Cruz credo! Benza a Deus! O povo ficou apavorado. Com isso, apareceram vários boatos, aumentando o medo sobre a populacão. Desesperado com a situação, o dono da usina chamou o padre para benzer o lugar, a fim de expulsar a maldição e evitar que ela atingisse os outros pontos da cidade.

O padre, acompanhado das beatas, sequiu ligeiro para atender ao chamado. A cada passo de léguas eles encontravam animais seguinhos, sem apresentarem uma gota de sangue, alguns outros eram apenas carcaças. Entre benzidos de corpos e crendeospai das pessoas que acompanhavam o vigário, o padre saiu a abençoar toda região. Com a caldeira e o aspersório nas mãos, lançava áqua benta para todos nal, cacerense sabe ser escandaloso! os lados, amparado pela fé dos Pai-Nossos, Ave-marias e Santa-Marias. Não faltou sença de um minhocão abaixo da majestosa também o credo e o Salve-Rainha. Quanto mais avancavam, outros ribeirinhos engrossavam o caldo, até que próximo a um braço do rio Paraguai encontraram o bicho, deitado de barriga para o ar, a tomar sol como se fosse uma canoa. Sem pensar duas vezes, o padre intensificou a benzedura. Água benta de cá, água benta de lá. Foi tanta água de fé que até quem não precisava ser benzido foi. No respingar da água, a serpente gigante soltou um misto de pio e assobio e, depois de um salto acrobático, rastejou ligeira, lançando-se naquelas águas correntes. Nadou pelo braço do rio até atingir as redondezas do cais e a praia do Daveron. Era, justamente, nesses locais que as lavadeiras costumavam trabalhar, sempre reunidas em grupos, com muita roupa para lavar e casos para contar. O movimento da água e o barulho das conversas no beiral do fogão, despejou um tanto de miamedrontavam o animal.

Ao que parece, aquela espécie de cobra sobrevivia debaixo da terra. Então, ela investiu na construção de sua toça, abrindo milho ao chão gradativamente. Pouco a pou-

um caminho subterrâneo entre o cais e a catedral em construção, cuja cabeça alojou--se justamente embaixo do altar. Ah, como o povo havia se enganado! Pensavam que a coisa havia sumido rio afora. Pouco tempo depois, quando a catedral foi construída, a população foi chamada para uma missa em agradecimento à libertação daquele grande mal. Virgem Maria! O meu coração até gela, quando me lembro desse fato. Criancas do céu! O barulho no interior do recinto assustou o réptil, pois, ao ouvir passos e vozes, sentiu-se incomodada. Então, a serpente mexeu aquele grande corpo, causando o desabamento do teto e parte das paredes. Alguns imaginaram que era um terremoto. outros o fim do mundo. Foi uma gritaria, afi-

O laudo dos especialistas apontou a preconstrução. Em pouco tempo, pela boca das beatas – que eram o jornal vivo da cidade, talvez mais eficazes do que a TV Globo e a internet – a cidade toda ficou sabendo. Diante do fato, os fiéis trataram de preparar uma novena, a fim de rogar a Nossa Senhora proteção. De casa em casa e reza em reza, a Santa comovida com o povo, atendeu aos pedidos. Desceu do Céu e enfrentou a serpente, lutou com ela dias e noites, até que, vitoriosa, a Virgem retirou da própria cabeca três fios de cabelos de ouro e amarrou o monstro em partes diferentes, prendendo o danado.

Ao fim da narrativa, a tia Margarida demonstrava acreditar piamente naquilo que contava, talvez por estar respaldada na crença de toda aquela geração de tios, avós e bisavós. Percebendo que estávamos satisfeitos com a prosa, apagou o fumo do cachimbo, colocou-o lho na bacia e saiu rumo ao terreiro. Com um barulho típico daqueles que se fazem quando chamam as galinhas, ela lançou os grãos de

REVISTA **PIXÉ**

co, as galinhas e galos foram aparecendo. O sol começava a se pôr, colorindo o céu azul em amarelo-laranja. Meus irmãos e eu tomamos rumo de casa, era hora de tomar banho para esperar a mamãe chegar do trabalho.

Depois daquela contação de estória da tia Margarida e com o passar dos anos, ouvi diversas outras versões sobre a lenda do minhoção. Conta-se que a serpente nunca se conformou com a prisão, pois se debatia noite e dia para alcançar a liberdade. Dizem que dos três cabelos de Nossa Senhora, dois deles arrebentaram, restando apenas um. A qualquer momento, esse único cabelo santo poderá romper-se e Cáceres estará ameaçada novamente, e sabe-se lá o que poderá acontecer?! Um dia, eu quis saber o motivo pelo qual a catedral nunca havia sido pintada. Perguntei a uma antiga moradora da cidade que, com voz firme e tom incontestável, respondeu:

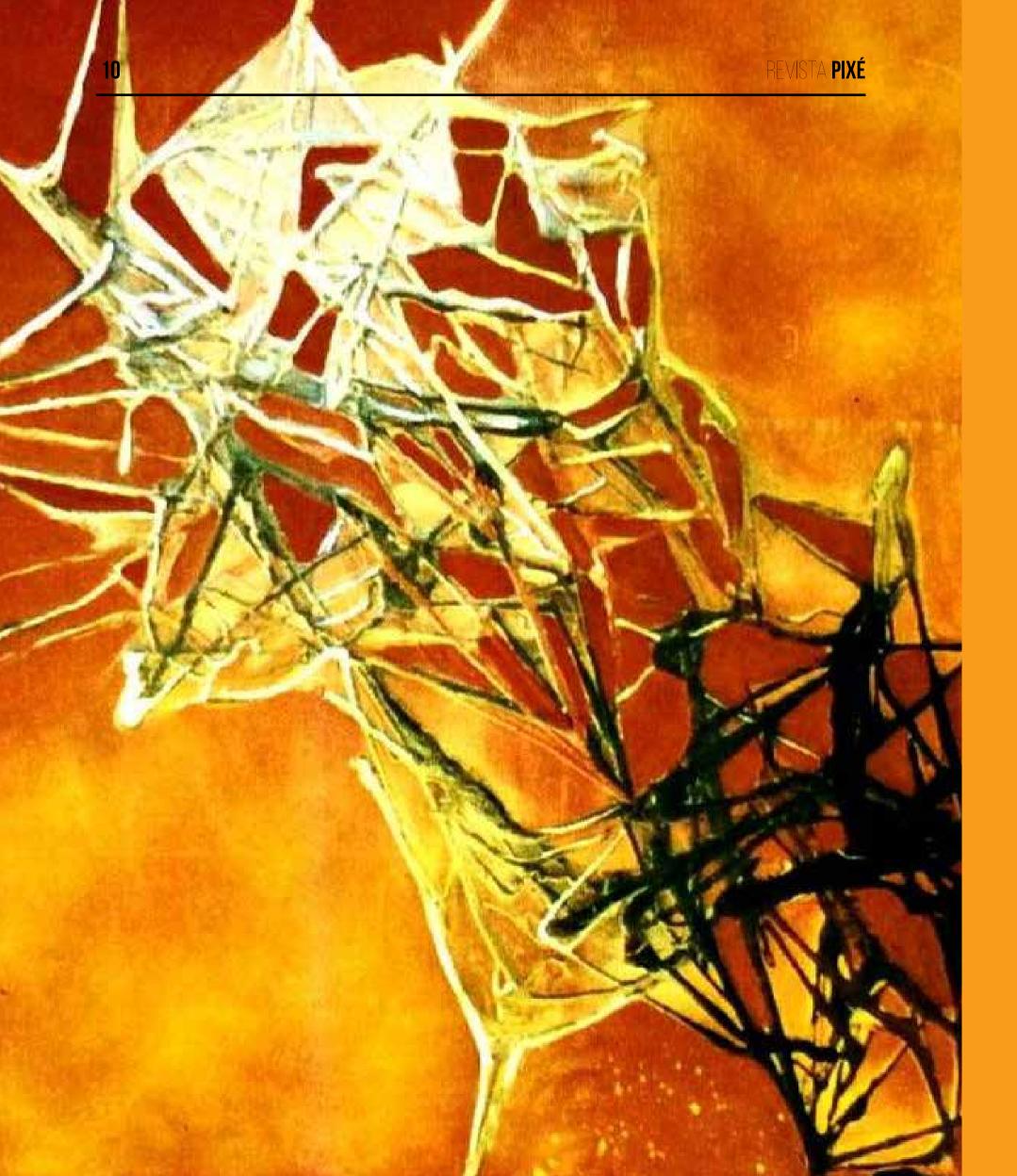
- É por causa da serpente, filho! Se pintar a catedral, a tinta vai incomodar a serpente e seus movimentos bruscos e raivosos poderão arrebentar o último fio de cabelo da Virgem Maria!

Recentemente, fui à Praca Barão do Rio Branco, patrimônio cultural da cidade, um verdadeiro cartão postal. Sentei em um banco que me dava vista à Catedral e contemplando-a lembrei das estórias da tia Margarida e pude compreender que a geração antiga havia deixado marcas encantadoras no imaginário popular de nosso povo. Isso é tão maravilhoso, que quero propor aos meus conterrâneos o jogo das mil e uma noites, a fim de recuperar diversas estórias que, emendando umas nas outras, como fizera Sherazade, possamos manter acordadas as nossas memórias e tradições.

Um povo sem memória, é, sem dúvida, um povo sem história. Vejo-me velhinho a chamar as crianças para contar-lhes mil e uma estórias, porque sei que elas as recontarão no futuro para seus filhos e netos. É o ciclo, o mito do eterno retorno que faz dos eventos um vai-e-vem entre o hoje e o ontem. E se um dia alquém me perguntar sobre o minhocão, responderei:

- Reze, filho, para que o último fio de cabelo de Nossa Senhora não arrebente!





REVISTA **PIXÉ**

HISTÓRIA DE AMOR PELAS RUAS

Era uma vez uma Bela do Juiz que não se encontrava com a Esperança. Corria perto da Formosa, às vezes subia para a Caridade. Acompanhava-a pela rua de Cima, Seguia-a pela rua de Baixo. Espreitava-a pela rua do Meio. Dava lances na Prainha. Se triscavam no Rosário cada qual com seu Candeeiro. Mas voltando pelo Beco Quente passavam ao Largo da Mandioca. Não importava se era Nova ou se era Velha. Seria um Porto a que chegar. Não queria era um Terceiro (de Dentro ou de Fora). Se viram no Campo. Subiram ao Bosque. E no Tanque do Baú se apaixonaram no Laquando tiravam o Areão. Araés! Um amor impossível¿ Não! Se uniram de papel passado Num antigo mapa Das ruas de Cuiabá.



Aclyse Mattos

É poeta, escritor e professor na UFMT. Autor dos livros O Sexofonista (Carlini & Caniato, 2018 - contos), Festa (Carlini & Caniato, 2012 - poemas) e Quem muito olha a lua fica louco (Oficina Mínima, 2000 - poemas) entre outros.





MITO

'ijo? Merda! Mesma maçada. Mesma moral micha. Mesma marola má. Mito mole. Mito murcho. Mito mudo. Mixórdia mascarada. Me mentiram muito: mania moderna. Mas minha mente muda. Miro meus medos. Mato meus males. Maluco mistificador! Mandachuva mequetrefe. Maioral miliciano. Machão mixuruca. Mito mutante. Mito mala. Mito mau. Mijo? Merda? Memes? Mínima moral multiplicada. Mórbida mídia. Mensagem maciça. Maquiam mantras marcantes. Menos matéria, mais mexerico. Matar Momo? Muito mal, muito mico! Megamilico. Minimérito. Maximula. Micromacróbio. Militância mesquinha mostra meretriz? Manada míope. Mascotes motivados. Massa maniqueísta. Mal motivados. Melancólico momento.... Menos música? Menos museus? Macada mortal. Meninos massacram ministros. Malcriados! Mal-educados! Molegues mimados. Molesta monarquia. Militares manobram metodicamente. Muito maquiavélicos. Mexericos. Meandros. Mentiras. Ministra maluca! Moralismo medíocre. Ministro maculado mete medo. Marionetes maquiaram maiorias, maquinaram manipulações, mentiram milagres. MEC mediocrizado. Moro murcho. Monetarismo monstruoso. Meritíssimos mercadores. Mamata mimetizada. Mísero mandato. Marionete mental. Mito? Máximo? Maravilhoso? Mentira! Matuto. Machista. Misógino. Maligno. Militar medíocre. Mentecapto midiático. Mobral melhorado. Meia milha. Miolo mole. Merdou tudo... Misericórdia! Mostrem mais maturidade! Mais moderação! Mais modos! Mudem. Marchem modestos. Menos molecagem, menos mimimi, menos mito. Melhore Messias, melhore!



Eduardo Mahon

Eduardo Mahon, 41, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

16 REVISTA PIXÉ

DOMINUS VOBISCUM

(para Marta Helena Cocco)

Dominus vobiscum diria o padre no retábulo pros matutos da nave principal se tivesse a igrejinha forma e peso de cruz, mas não tem... De modo que quem peca está mais perto de Jesus, quase ouvindo sua voz soprando: amanhã... amanhã estareis comigo ladrão pecador pobre filho inocente no paraíso.

Dominus vobiscum
diz o padre na capela
pros matutos sem latim,
que ao dormirem na leitura
do evangelho de Jesus

sonham bem...
de modo que flutuam
naqueles olhos azuis
sobre o mar da Galileia
que dizem: amanhã... amanhã
estareis comigo

pobre pescador

no paraíso.

cego filho temente

Dominus vobiscum
diz o padre em ladainha
pros matutos outra vez,
que acordando no momento
do pelo sinal que é a cruz
dizem amém...
de modo que inda ouvem
a promessa de Jesus,
sua voz doce e serena
dizendo: amanhã... amanhã

estareis comigo

bravo lavrador grande homem valente no paraíso.

Hoje é domingo.
Dominus vobiscum.
Amanhã trabalhareis
não tão cego
nem tão pobre
em sua cruz.
Fareis crescer o milho
enchereis a cisterna
colhereis o feijão
beijareis os filhos.

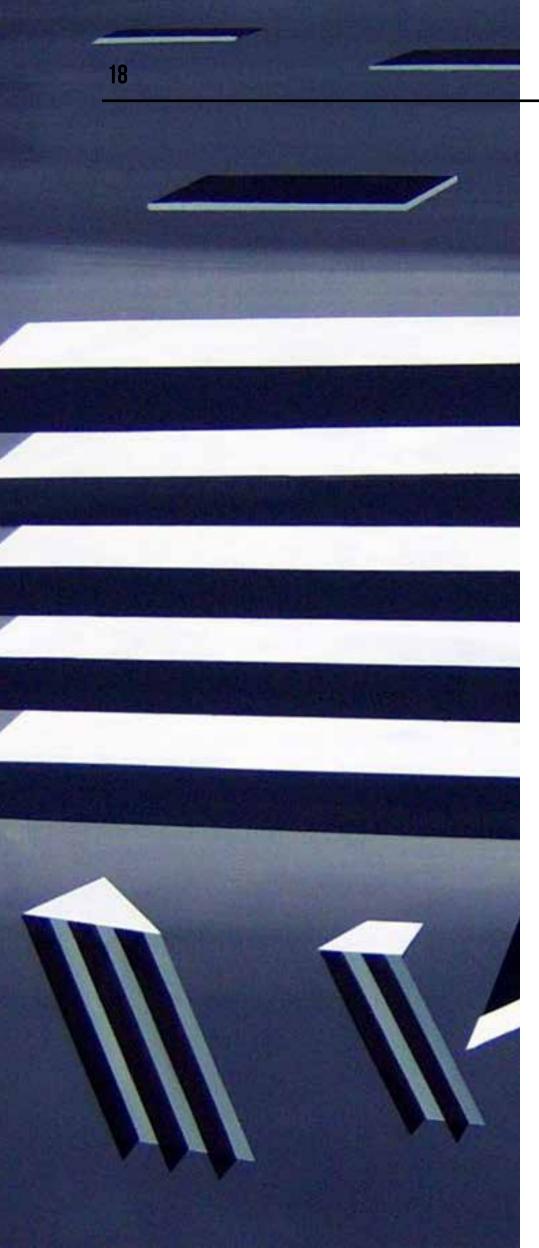
Dominus vobiscum
diz sempre o padre.
Et cum spiritu tuó,
responde o matuto
em seu latim
sem saber o que sabe
Deus em todas as línguas.



Everton Barbosa

Possui doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014), mestrado em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (2006) e graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (2002). Atualmente é professor adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, atuando nos seguintes temas: estudo da narrativa latino-americana, estudos da fronteira latino-americana, regionalismo e identidade cultural, estudos sobre o narrador na literatura e na oralidade, literatura e relações de poder.





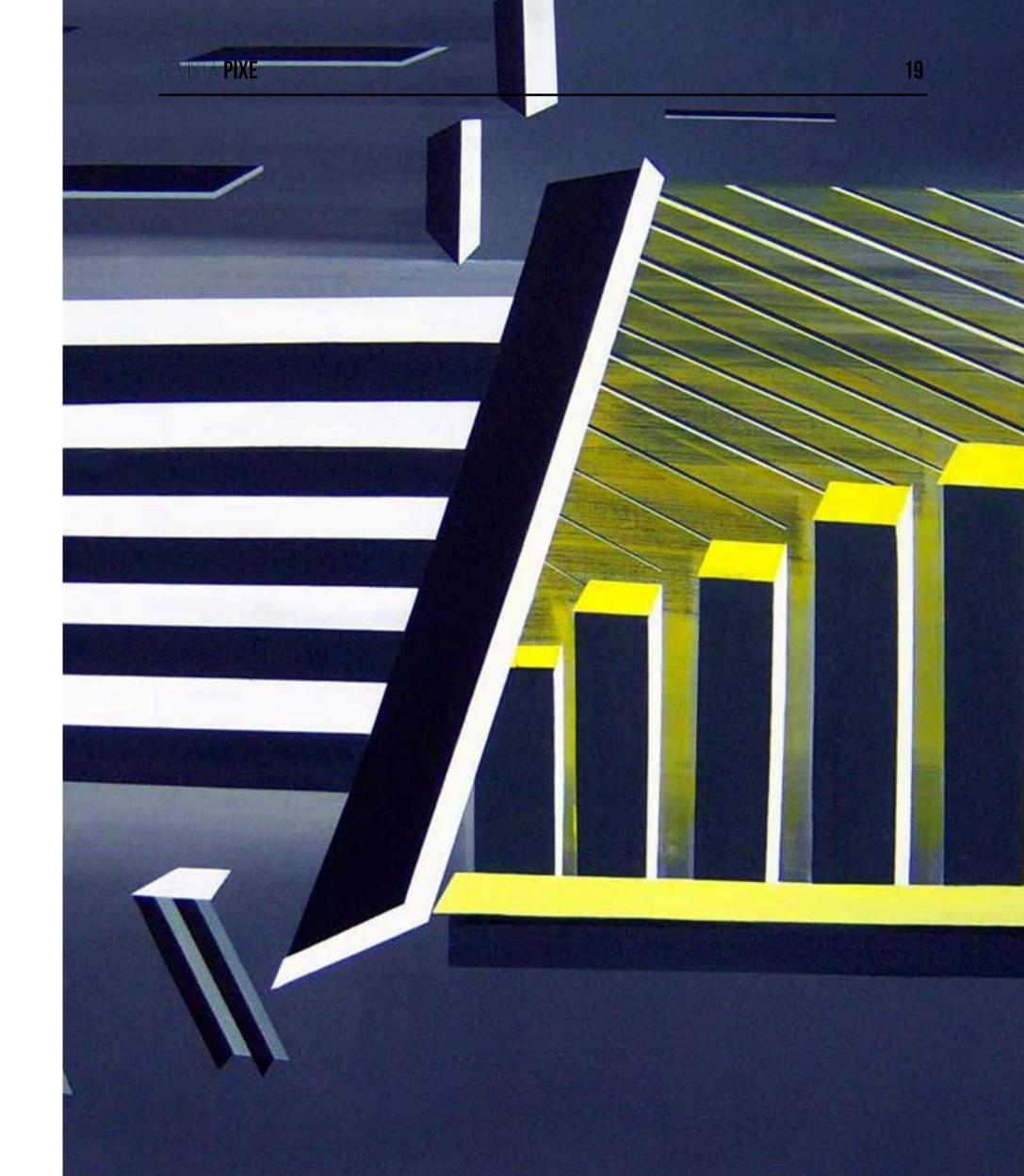
QUEM SOMOS

Esses sapatos já não me servem Meus pés são libertinos Essas roupas já não vestem minha alma Ela se veste de sinos Já não sabemos quem somos Meninas? Meninos? Já não queremos saber Que importa? Americanos? Latinos? Se miamos? Latimos? Essas coisas não brotam as nascentes Não são nem sementes De manacá ou manjericão Essas coisas são bobas E passam despercebidas Pra quem tem coração Isso já não importa Porque a vida mesmo torta É um dente-de-leão



Helena Werneck

Cuiabana, formada em Secretariado no IFMT, e vencedora do prêmio de literatura de Mato Grosso de 2017 categoria revelação com a obra de título "Nu".





Marta Cocco

É natural de Pinhal Grande-RS, formada em Letras, doutora em Letras e Linguística, professora de Literaturas da Língua Portuguesa na graduação e na pós-graduação da UNEMAT-MT. Faz parte do grupo de pesquisa LER: Leitura, literatura e ensino — UNEMAT/CNPq. Ganhadora de vários prêmios literários, já publicou cinco livros de poemas (Divisas, Partido, Meios, Sete Dias e Sábado ou Cantos para um dia só), dois de crítica literária (Regionalismo e identidades: o ensino da literatura produzida em Mato Grosso, Mitocrítica e poesia), um de contos (Não presta pra nada) e, com este, três infantis (Lé e o elefante de lata, Doce de formiga e SaBichões).

MOTIVO

No mundo que combato morro no mundo por que luto nasço (Mia Couto)

eu filho chegou da escola mais contente hoje. Não tem sido assim. Desde que mudamos de cidade e de escola, é uma queixa atrás da outra. Um colega empurra, outro debocha, outro se junta com outro e brinca de repórter de TV pra gravar a fala dele. Coração de mãe, você já sabe. Tenho vontade de ir lá e rufar a mão na cara da molecada. Falo com a diretora, entendo que as crianças são danadas, que revidar não é o melhor caminho, que é preciso uma orientação adequada.

Em casa faço o que posso. Escuto meu filho, aconselho, digo que o melhor a fazer é não dar tanta bola pra isso. Vai saber o motivo de esses meninos serem tão agressivos. Vai ver são maltratados em casa. Conto que minha mãe, no meu tempo, nem me escutava. Eu tentava dizer alguma coisa e ela: não me venha com queixa. Não repito o procedimento. Acredito que muita coisa pode melhorar com a força de uma boa palavra.

Depois de algum tempo, de muita conversa e idas e vindas à escola, finalmente chegou o dia em que ele se sentiu mais ambientado, mais feliz. Reparei, no final da tarde, naquele intervalo em que ficam brincando antes de virem pra casa, que o grupinho de uns três se fortalecia. Falei. Eu já sei por que você acabou tendo mais afinidade com o Vinícius e o Júlio. Porque, coincidentemente, vocês três são filhos únicos, a falta de um irmãozinho a gente acaba compensando com o colega, não é mesmo?

A reposta que veio a seguir me arrebentou por dentro. Ainda teria muito por fazer.

- Não, mamãe, nós três ficamos amigos porque somos os três da sala que têm defeito.
- Como assim, defeito?
- Sim, o Vinícius é gordo, o Julio é negro e eu sou gago.





CUIABÁ DAS MINHAS ARTÉRIAS

Mais sua...

Mesquita!

Cuiabá

Cuiabá, Velha senhora dos brincos Suas ruas de ouro... Quando a vida Se fez dura Nós fugimos para cá. Eu fiquei sabendo De coisas estranhas, Palavras dessignificadas rias pra mim: Piçarra, adobe, muxirum E a pequena casa De meia água Ficou pronta. Ficava nos fundos Do grande mundo Chamado quintal Fiquei tonta, fiquei mal, Tentei fugir Sair daqui. A cada volta, Fui ficando

Pensava "Que que é aquilo?" Entraram por minhas arté- Quando olhava prum 'grilo ' Vila Santa Isabel Suas frutas, seus falares Barro duro Praça Ipiranga, lugares Pedregal Escola Técnica Federal Mais de 9 tipos de mangas Suas riquezas, suas misé- Aí eu encolhi Com as moças finas daqui Escola José Barnabé de Helena Scaff, Silva Ferro Gisele Addor Ariadne Kuramoti Tem o chitão e tem a chita Eu cheguei junto com o Pa- Gisele Bojikian lácio Paiaguás Fui para o fundo da sala Parecia uma Brasília Teudolito, régua T Ou seria uma ilha Nível, papel vegetal A prainha era aberta De cegos pelo poder? Pacu, caju, pacupeva Surge a perimetral Seriguela, manacá Nós saímos E voltamos pro quintal A várzea Ana Poupino Porto, Dom Aquino Presente de concubino Rua Barão de Melgaço

Meu olho estatelado

REVISTA **PIXÉ** 23

Eu já dava	Asfalto ruim pra catiça	ta
Beijo e abraço	Água, dia sim, outro não	Tem?
Mudamos pro Tijucal	Eu morria de preguiça	Estão cimentando
Lonnngeeeee	Se tinha que baldear	A cidade que era verde
Passei no vestibular	- Cuiabá	O peixe tá num preço
Encontrei o meu lugar:	Caldo de milho	Que até arde
Universidade Federal	Fufú	Passei um tempo fora
Projeto Cura	Cacau	Voltei
A Prainha foi fechada	Casei	Versei.
Mas a cada enxurrada	Mudei	Tanto carro; pouca rua
Cuiabá sempre alagada	Nem sei	Mas, ainda temos a lua
Zezé e Carumbé	Continuei Cuiabá	Saindo por trás da monta-
Feira do Porto	Jardim Paulista	nha
Cuiabá	E, na morada do Ouro,	
	Tem Ouro, Miguel Sutil?	Quem ganha
Chegando gente!	Jardim Imperial	De verdade
	Faculdade particular	Na cidade verde?
Semáforos	Uma, duas, uma porção	
Quebra-molas	Pico do amor	A gente perde tanto tempo
Adeus, Praia dos Artistas	Poção	esperando ônibus
Na Fernando Corrêa	Jardim Tropical	Pra ir pro Osmar Cabral
Foram duplicando as pistas	Pedra 90	Altos da Glória
Diário de Cuiabá		Jardim Industriário
O Estado de Mato Grosso	Chegando gente!	
A Gazeta		A gente perde
O Jejé	Será que a cidade aguenta?	Quem ganha?
O Choppão	Tem planejamento?	Onde que é feita a barga
Renata	Orçamento	nha?
Roberta Tenuta	Tchau, canoa	
Será que quem entra no	Tchau, tchuá	Eu aposto no Rei Tempo
Alencastro	Tchau pro guaraná ralado	Que mistura os elementos,
Se acha alguma espécie de	Na grosa	Burila os sentimentos
Astro?	Na hora	Creia,
	Cuiabá não é mais roça	O Rei Tempo tem memória
Chegando gente!	Cuiabá não é mais roça Viva a tecnologia!	O Rei Tempo tem memória E lê versos
Chegando gente!		
Chegando gente! Movimento Estudantil	Viva a tecnologia!	E lê versos
	Viva a tecnologia! Espia	E lê versos Tenho fé.
Movimento Estudantil	Viva a tecnologia! Espia Paschoal Ramos	E lê versos Tenho fé. O TEMPO foi,
Movimento Estudantil Na militância, infiltrada	Viva a tecnologia! Espia Paschoal Ramos Jardim Itália	E lê versos Tenho fé. O TEMPO foi, Ainda é
Movimento Estudantil Na militância, infiltrada Tava a polícia cicom	Viva a tecnologia! Espia Paschoal Ramos Jardim Itália Condomínio vertical	E lê versos Tenho fé. O TEMPO foi, Ainda é E vai mudar a nossa histó
Movimento Estudantil Na militância, infiltrada Tava a polícia cicom O Rio	Viva a tecnologia! Espia Paschoal Ramos Jardim Itália Condomínio vertical Condomínio horizontal. Tem mais povo, mais gente comendo ovo	E lê versos Tenho fé. O TEMPO foi, Ainda é E vai mudar a nossa história Esbravejo. Choro em grito – grito em
Movimento Estudantil Na militância, infiltrada Tava a polícia cicom O Rio Tiravam areia Jogavam óleo e merda	Viva a tecnologia! Espia Paschoal Ramos Jardim Itália Condomínio vertical Condomínio horizontal. Tem mais povo, mais gente comendo ovo O SUS demora uma morte	E lê versos Tenho fé. O TEMPO foi, Ainda é E vai mudar a nossa história Esbravejo. Choro em grito – grito em choro.
Movimento Estudantil Na militância, infiltrada Tava a polícia cicom O Rio Tiravam areia	Viva a tecnologia! Espia Paschoal Ramos Jardim Itália Condomínio vertical Condomínio horizontal. Tem mais povo, mais gente comendo ovo	E lê versos Tenho fé. O TEMPO foi, Ainda é E vai mudar a nossa história Esbravejo. Choro em grito – grito em





CABE?

Cabe? Reduz-se ao nada

na cena:

No chão rato e corvo
Abertura frontal: tripas e asas
um tipo de corte – cinza e preto:
feito acidente autofagia.

risco desejado, Cabe na abertura, escrito em vermelho um corte,

escrito em vermelho inscrição de um instante miragem.

um sinal: corvo e rato realçam-se

no chão boca absorve.

Cabe ao olho boca absorve cruzar a pele suporta

Cabe a morte anunciada? como fibra.

Cabe? Poros

Arrepiam.

Cabe a pedra Foco contraído porosa Aproxima.

suportar absorver

absorver Cabe
o peso de tantos Vestígio
animais? coagulado

coagulado na paisagem.



Lívia Bertges

(1987, Juiz de Fora – MG) é doutoranda em Estudos Literários (UFMT) com estágio sanduíche na Sorbonne Université (Paris, França). É mestra em Estudos Literários (UFMT) e em Langues et Cultures Etrangères (Université Stendhal). Publicou artigos e poemas em revistas, antologias e sites. É editora da revista literária Ruído Manifesto.



MEU PAI

ou contar como consegui meu pai. em casa", respondi ao desconhecido, meu Principalmente porque não foi um mero acidente de nascimento. Um dia, tive pesadelos satânicos e acordei mais cedo que o resto da família. Fiquei na janela do segundo andar vendo a rua uivar e, eventualmente, engolir pessoas distraídas. Em meio aos soluços do tempo, avistei uma viatura descendo, na gatunagem. Notei o desespero de um homem bem próximo ao muro de minha casa. Ele tirou a mochila das costas e a jogou em nosso quintal. Os policiais desceram e o modo feroz. Pensei, é claro, que o prenderiam. Então desci e abri o portão. Disse--lhes que aquele homem estava ali para resolver um problema com nossa fiação. savam. Aí entreguei a mochila que queamarrar espaguetes. Resignados, os guarse quisesse, faria minha mãe feliz. "Tão lá ser deveras cruéis.

futuro exemplo de vida, pois tive o pressentimento de que ele era a melhor opção dentre a escória da região. Às vezes temos de arriscar para valer. Às vezes temos que fazer alguma coisa para continuarmos a não fazer nada, como antes. Se fosse por minha mãe, eu estaria fodido. Aquela songamonga só arrumava trastes viciados, vagabundos desempregados, preguiçosos e valentões declarados. Meus avôs nunca reclamavam das escolhas que fazia porque ela os sustentava. Eu, entretanto, não renderam. Perguntavam pela mochila de fora condicionalmente instruído a me calar enquanto os outros eram malcriados comigo. Foi aí que convidei meu pai para tomar um copo d'água na cozinha. Quando ele pôs na pia o copo meio vazio, Ficaram me fitando sem dizer o que pen- meio cheio, minha mãe apareceu. O amor é cego, mas eu posso enxergar por ele. Vi riam. Não encontraram coisa alguma que os olhares deles se cruzarem e torci os pudessem usar para incriminá-lo. Eu, que dedos dentro dos bolsos para que tudo era apenas mais um garoto filho de mãe desse certo. Só dessa vez. Como sempre solteira, eu a entupira de conexões de capedimos. Em seguida, ela sorriu como nos do amor, de ferramentas para o afeto, uma lata de sardinha aberta da maneira de fios de cobre para transportar a energia correta. Por sua vez, ele foi lá fora e fez que nos manteria unidos. Fiz tudo para um gato no poste. Nunca mais pagamos sustentar o equilíbrio da burla que criei. pela energia elétrica que usávamos. Se Ora, ser criança é cozinhar cadarços e examinarmos de perto, veremos que toda família unida se vinga sozinha. Meses dedas o liberaram. Juntos, contemplamos o pois, os dois se casaram, com festa e tudo camburão dobrar a esquina. Daí o homem mais. Finalmente, eu tinha um pai. Eterme levantou pela gola da surrada camise- namente grato por meu ato. Enquanto eu, ta do Tupiniquim Man. "Onde tão minhas que não tinha nem onze anos, já sabia que coisas, muleque?" Eu sorri de plena satis- as estações do ano eram mal divididas, fação. Sabia que ele seria um bom pai e e que os filhos desobedientes que se torme amaria se me conhecesse. Sabia que, nam mais inteligentes que os pais podem



Conforme o Vento sacode as vestes que não Olhos tendem a se afastar me cabem mais As folhas caem... As retinas fatigadas se contorcem em com- É a distância passos crônicos

Já é meio dia

Os galos já teceram as manhãs As abelhas já polinizaram as flores

O que antes era parte essencial de uma fo- As folhas caem...

tografia Agora é

Apenas material orgânico em uma pá des-bril.

Trabalho diário para uma força braçal, Resquícios de uma performance afetuosa.

Flores e manhãs

O que antes era sólido

Ao cair se desfez

Insolitamente em m<u>il ausências.</u>

O Vento sacode as árvores

Rememora os espaços vazios e os gestos

ausentes

A gravidade exígua cumpre seu papel

Um corpo tende a cair

O fim é irreversível

O processo natural das coisas

Os espaços ausentes

Os gestos vazios

Angústia.

Já são 7 horas da noite

O encontro tende a ser uma metáfora,

Uma assimilação sêmica de um poema fe-

O Vento sacode as folhas

Desesperos maternos irrompem o sono ma-

Homens e mulheres se banham em águas

Máquinas produzem o término biológico

Uma folha está prestes a cair

Uma massa tende a convergir ao solo poe-

Já são 3 horas da manhã

O poeta encena sua dor

As folhas caem.



32 REVISTA PIXÉ REVISTA PIXÉ





Lorenzo Falcão

"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

FILHO DA MÃE

- Mãaaaaaanhe... Por favor, me ajude. Preciso de você porque escrever sobre o Dia das Mães é muito arriscado. A tentação de escorregar pelos excessos da melodramaticidade é grande e não quero cair nisso.
- Tá bom filho, o que é que você quer, então? Quer que eu escreva para você? É isso? Pois você sabe que também tive mãe e sei bem dessa relação. Talvez até mais do que você, que nunca será mãe, já que sua natureza masculina não permite. Quer que eu escreva? Se assim for, não me importo que você assine o meu texto depois. E claro que não direi a ninquém. E faço isso, com prazer, para o seu próprio bem.
- Não, mãe. Não é isso. Só queria conversar um pouco com você. Recordar e papear sobre as histórias da minha infância, quando você sempre me socorria e livrava a minha. Mas, se você quiser escrever e me deixar mesmo publicar em meu nome, pode ser que seja bom. É que você

é mais pragmática, mais direta. E escreve melhor do que eu... não viaja tanto e vai logo direto no assunto. Escrever, eu sinto isso em seus textos, parece coisa como limpar a casa.

- Ora ora, mas é tudo tarefa, é tudo coisa que a gente tem que fazer. E agora nem sei se você está supervalorizando o ato de limpar a casa, ou se está depreciando o ato da escrita. E nem acho que eu escreva melhor do que você. Somos diferentes e bastante, apesar de você ser o filho de uma mãe que sou eu.
- Taí, gostei disso que você falou, "o filho de uma mãe que sou eu". Papo entre filho e mãe que fica assim meio palavrão, xingamento. Você acha que posso começar por aí? Usar esse trocadilho e ir encompridando o texto até dar num ponto final?
- Enchendo linguiça, imagino que é o que quer dizer com "encompridando o texto". Pode, se quiser pode. "Filho da mãe" é uma expressão que quase todo mundo que escreve já deve ter parado pra pensar um pouco sobre ela, sobre seus significados e ressignificados. Desenvolvendo seu texto a partir desse papo de "filho da mãe" você já terá, pelo menos, um destino final certo!
 - Destino final??? Que destino final é esse que você está falando?
- Bom, não quero parecer grosseira nem estupidamente racional, mas seu destino final, partindo desse palavrão corriqueiro, só pode ser um: o lugar comum.
- Porra, mãe... Agora você acabou com a minha raça. Eu queria tentar ser criativo e usaria esse troço de "filho da mãe" apenas como largada, para depois partir para um estilo mais libertário acrescentando outras ideias e raciocínios. Pretendia, por exemplo, falar sobre aquela conversa de que se a gente deixar o chinelo virado de cabeça pra baixo, a mãe da gente morre.
- É. E se deixar a gaveta aberta, a mãe também vai pro beleléu. Eu, inclusive, se dependesse dos seus zelos domésticos, já era pra estar morta há muito tempo. Esse papo de chinelo virado é coisa pra educar os filhos a ajudarem na arrumação da casa. E também vai dar naquele lugar...
- Que lugar...?
- Lugar comum, oras bolas. Filho que arruma casa, que lava a louça, que sabe fazer e faz as tarefas domésticas é que é algo novidadeiro. Sabe o que eu acho? Quer saber mesmo? ... Pois eu acho que você tem que ser mais inovador e avaliar essa sua história de ser escritor. Você sabe que eu sempre te apoiei e sempre estou do seu lado...
- É. Isso eu sei. Me lembro quando eu tinha seis anos e te disse que queria ser escritor quando crescesse. E você me lembra qual foi a sua resposta?
 - Não... qual foi?
- Oh, meu filho... Você quer escolher justamente a profissão que dá menos dinheiro?. Foi isso que você disse. E acho que nem estava tão errada assim, pois, afinal, era para o meu próprio bem.
- Não me lembro de ter dito isso...
- Não faz mal. Não importa mais, e o que importa é que eu já tenho tudo que vou escrever. Gravei esta nossa conversa e vou reproduzi-la do mesmo jeitinho que nós falamos. Você acha legal essa ideia?
- Huuummmm... Não sei não. Depois que você digitar tudo eu gostaria de dar uma olhada e talvez queira mudar alguma coisinha. Não quero que passe a ideia de que eu sou uma mãe muito autoritária...

34 REVISTA **PIX**



Amauri Lobo

(55) é artista, sociólogo, jornalista e professor. Não necessariamente nesta mesma ordem. Começou nos anos 1980, na cena de Cuiabá (MT) e já rodou muito, inclusive tendo morado na Alemanha. Faz poesia, música e, a partir da experiência do bando Caximir, enveredou pela multiarte. Publicou livros, impressos e periódicos de poesia. Gravou em vinil e em CD. Prepara-se para lançar trabalho nas plataformas digitais. É ativista da cultura, por quem morre de amores.

SOBRE O LEVE O PESADO FLUTUA

Faça o mesmo, ao contrário
Dê um sorriso verdadeiro para aquele comentário
Reaja com calma ao ataque daquele adversário
Esbanje alegria, economize o salário
Intua boas energias em ambiente arbitrário

Seja milionário em virtudes mesmo que seja proletário O mundo de cabeça para baixo cabe bem no seu inventário

Os dias de fornalha servem pra lembrar Que viver vale a pena Mas é difícil

As doenças servem pra nunca esquecermos Que viver é necessário Mas é difícil

As privações financeiras servem pra confirmar Que a vida espiritual é imprescindível Mas é difícil

Mas, veja: Se vale a pena, é necessário e imprescindível Não há dificuldade que apague a beleza da vida!

Há dias que valem por anos Há anos que não valem um só dia de arrependimento Há meses de extrema tempestade Há momentos de alento em lampejos de lucidez REVISTA **Pixé**

Há luz e há sombras, estocadas no mesmo celeiro A nós cabe escolher o fardo certo

Escolhas, a vida é feita de escolhas (E certo pra cada um de nós nunca é igual)

Fazendo hora Fazendo tempo Fazemos agora o que não dá mais Mas, tento

Se tentamos, acaba dando Tanto que nem me esquento Posto que estamos tentando Fica claro que estamos fazendo

Um pouco a cada tanto Um ponto a cada tento Tanto tento

Já vi muitas coisas Já vivi muitas coisas Já dividi muitas dádivas Já duvidei muitas dúvidas E não duvido de mais nada

Domingos, domingos, sempre escorrem aos pingos. Melhor assim:





tudo ou nada? um pouco de cada

aberta ou fechada prefiro as escadas

o entra-e-sai me satisfaz mais do que qualquer vai-e-vem

acento como flecha ferindo a tônica de todos os améns.

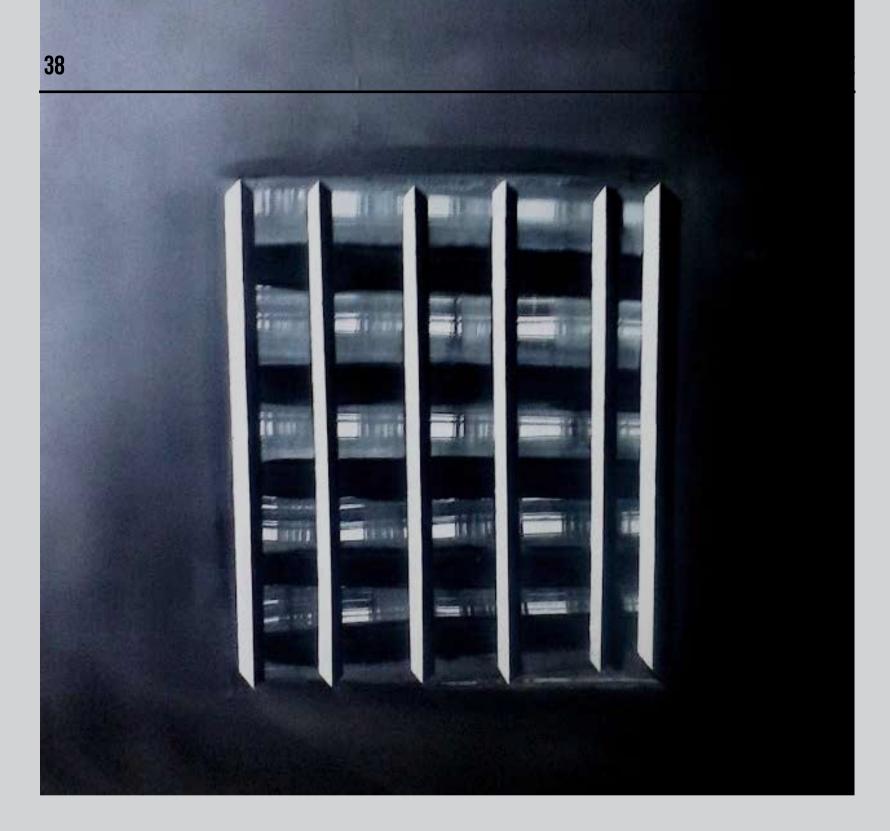
indomável esperança na minha sala de jantar tem dias que a lua dança



Caio Augusto Ribeiro

É de Rondonópolis, cidade onde nasceu em 1996, mas reside em Cuiabá desde 2011. Estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal de Mato Grosso participa ativamente do meio artístico. Ator, diretor e performer, Caiodesenvolveu diversos projetos artísticos, como o de roteirista de filme e diretor de livro.



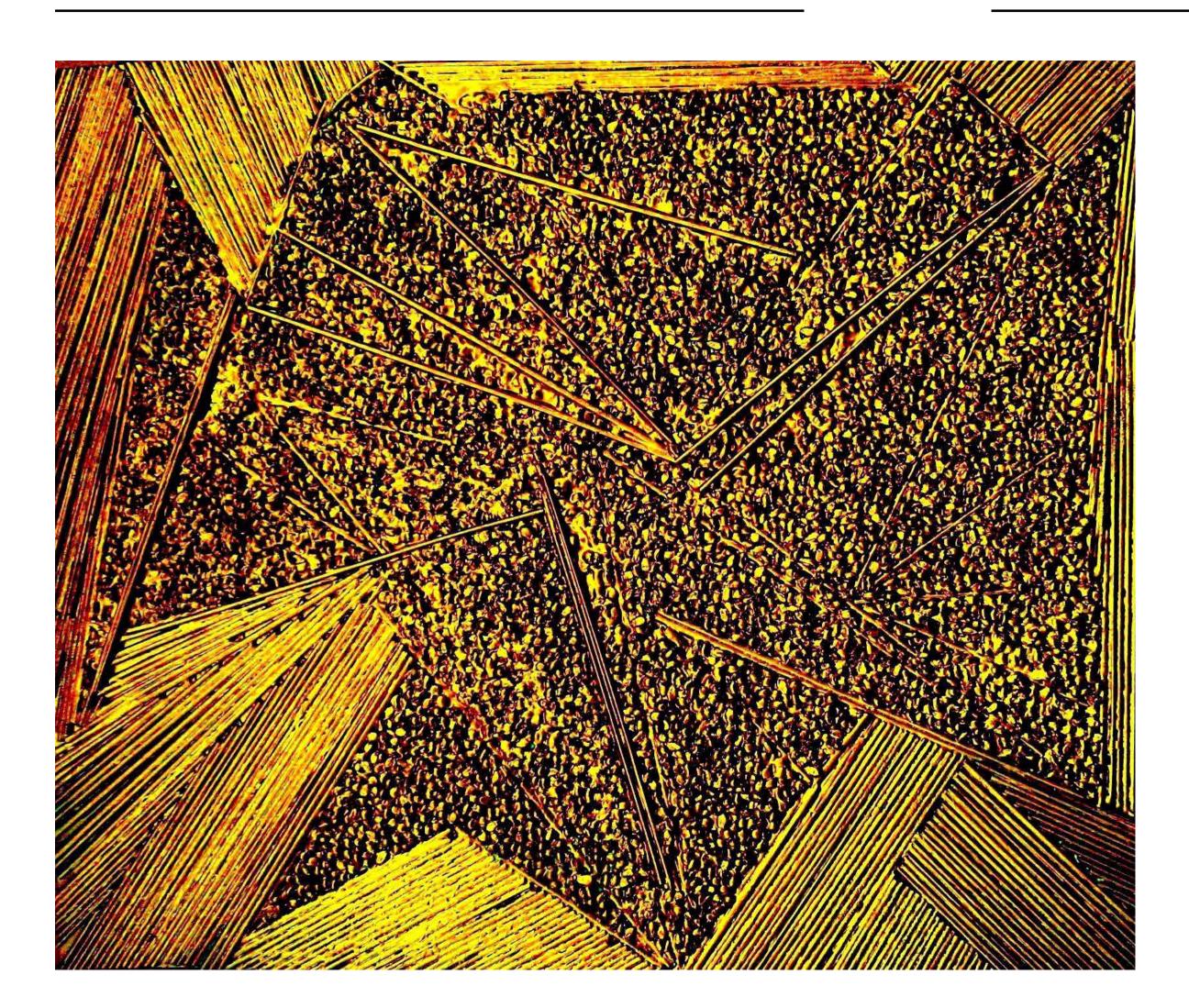


BIOGRAFIA



Mató Pia Tedesco Artista Plástica





u mesma Matò,
Viajando na máquina do tempo, essa viagem está suspensa
entre o céu e a terra. Dos ancestrais seguindo para o Universo
mais fantasioso e imenso. Fugir do perigo maior que seria reduzir-se
à mera decoração de interiores. A figura romântica do artista inspirado e boêmio é substituída pelo projetista, designer, inventor de
formas e de possibilidades infinitas, como no meu mundo.

Às vezes fiz um salto na antiguidade com formas esculturais e eróticas, uma década pintando Deuses Egípcios, ou, realismo puro. A minha máquina ainda explorou as florestas amazônicas, entre galhos pegando o fogo nos crepúsculos. Constantemente suspensa nesse universo atemporal, as formas ficaram leves, minimalismo concreto, onde a minha Arte se reduziu ao traço, ao gesto espontâneo de um eclético artista contemporâneo que faz da luzo seu maior enigma! (ainda é o maior enigma)

Em fé para todos Matò (Maria Pia Tedesco , desde 1983 no Brasil ,dividida entre a Europa e América. Fiz muitas mostras individuais pelo mundo, Alemanha, Espanha, Holanda, Itália, Egito, Brasil. Vários prêmios vieram no curso de 40 anos de pintura. Um pincel de ouro, concurso em Ravenna (Itália) Recensões de Críticos de Artes, desde Achille Bonito Oliva, Vittorio Sgarbi, Valerio Grimaldi, e muitos outros. Em Mato Grosso, a Prof. Aline Figueiredo soube ler as entrelinhas do meu fazer-arte sem freios, sempre fiel à liberdade criativa e ao lirismo das cores. E, agora, Pixé!



REVISTA **PIXÉ** 43

apontou um entrave nas pesquisas acerca de escritores e escritos do lado de cá do Atlântico. É um entrave para além do teórico, metodológico e prático. MM dizia que é dificultoso refletir sobre a vida literária brasileira pensando uma organização que separe em períodos e fases, escolas e tendências, os atos e fatos havidos, desde a Carta de Caminha até o presente. O autor pôs em pé de igualdade Gregório de Matos e Luiz de Camões, afirmando que são nítidas as semelhanças entre um e outro. Mostrou que não há dissemelhanças tão importantes assim entre a literatura barroquista de Gregório de Matos, no século XVII e a literatura antropofagista de Oswald de Andrade, no século XX. Massaud ousou mais, ao dizer que nossos românticos parnasianos avizinharam-se de Portugal tanto quanto Gregório de Matos e que Vicente de Carvalho, Alphonsus de Guimaraens e Cecília Meireles "se equiparam mais aos líricos portugueses que aos brasileiros".

A mais bela audácia de MM, entretanto, foi no dizer que períodos, fases, escolas e tendências se interpenetram e se imbricam à maneira de manchas de óleo num oceano. Ora, metáforas tem outras serventias além de se imiscuírem verso e prosa na feitura da poesia. Metáforas servem também de heurística ou ferramenta para apreender-se um objeto de conhecimento e chegar-se a uma determinada lógica que o explique. Perguntam-me aqui, na Revista Pixé, o que é o contemporâneo na Literatura Brasileira. A metáfora da mancha de óleo continua válida para a literatura e para qualquer arte: o contemporâneo é aquilo que o artista e o fruidor (incluindo aí o crítico) dizem que o contemporâneo é...

As imagens da artista plástica Mató colorem esse número de Pixé e remetem ao contemporâneo. E o que é o "Contemporâneo" na pena de Pia Tedesco? É o que lembra a metrópole do presente, os sinais horizontais e verticais de trânsito, a construção civil, o inchaço demográfico e o empilhamento humano das periferias, os sinaleiros com as cores rubras de sangue, de desastre e dos perigosdo atual e do quotidiano... Mas também lembra escadarias, a escada de Cortázar que é uma metáfora, outra boa metáfora para pensar a chegada (ou subida?), a insuficiente precisão do preciso das escolas ou fases da literatura e das artes em geral. Daí que a metáfora que subjaz nas faixas na pintura de Pia Tedesco e nos acessos e desvios de sua obra, serve ao que cabe aqui para dizer o que é o Contemporâneo.

O Contemporâneo, depois dos sonetos de Gregório de Matos, da chuva dos cajus de Dom Aquino, do manifesto de Oswald de Andrade, da pedra no caminho de Carlos Drummond de Andrade, da poemática maquínica de Dias-Pino, dos rasqueados de Moisés Martins, do livro-recital Dona de Luciene Carvalho, do chip binário do homem virtualizado de Eduardo Mahon, chega-se um tempo, agora sim, mais que nunca, em que a vida literária, os autores e suas obras se organizam em tendências, manchas de óleo que se mesclam, se cingem, se untam, mas quase sempre cabe em Klaxon e Pixé. Cabe Babu-78 e Mató Pia Tedesco.

O Contemporâneo é uma harmonia conflitual de todas as tribos que produzem e distribuem literatura e arte. Autores perambulam e se tribalizam entre grupalidades diversas para dizer o literário. O literário está dizendo em outras linguagens que não só nas patentes, o literário escreve uma gramática emergente, sincrética e eclética, outras linguagens além do próprio literário. O Contemporâneo acaba aqui de ser pensado como um tempo temporão, um literário que não é mais só de papel...

Finalmente consegui,

Tornei-me a mulher que sempre,

Sempre persegui!

REVISTA **PIXÉ** 45

Lua nova é o cílio perdido de um Deus bonito sorrindo a boiar pro espaço infinito.

DENOREX

Se liga Wolf, picadinho com creme de leite não é strogonoff.

Se toca Rai, poema de três versos nem sempre é Haicai.

Copia, Vicente: lambe-lambe está pra pichação assim como a tela está para o grafite.

Burocracia são monstruosas esculturas aleatórias de papel congeladas no sombrio pátio de uma Górgona bizarra.

Nem esquerda, nem centro, nem direita, nem suas bizarras extremidades: nada que seja partido – Consciência não pede adjetivo.

Impulso forte do chão, pulso firme para o alto, planar e contemplar o panorama com olhos-de-águia.

Na paz, o ser íntegro – Um em Om. Aho!

Varador

é um túnel de folhas.



Cristina Campos

Doutora em Educação (USP, 2007); mestra em Educação (UFMT, 1999); especialista em Língua Portuguesa (UFMT, 1989), Semiótica (UFMT, 1995) e Semiótica da Cultura (UFMT, 1996). Professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pelo IFMT — Campus Cuiabá. Ocupa a Cadeira 16 na Academia Mato-grossense de Letras. É autora das seguintes obras: Pantanal mato-grossense: o semantismo das águas profundas (Cuiabá: Entrelinhas, 2004), Conferência no Cerrado (Tanta Tinta, 2008), Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas (Carlini & Caniato, 2010), O falar cuiabano (Carlini & Caniato, 2014), Bicho-grilo (Carlini & Caniato, 2016) e Papo cabeça de criança travessa (Tanta Tinta, 2017).





ÚTERO

o útero é um átrio pátio de operações praça de escaramuça um crucifixo aterrado no centro do corpo pulsação centrípeta de tudo que é repetido por curas e malefícios o útero é uma curva antes de uma esfera orifício ao invés de uma orbe perfeita ânus escamoteado encapsulado cu cuspindo ferro emanando plasma mas que se ponha um punho que se cerra

GATA

arredia a gata arisca sibila ou chia cisca o ar chispa de ira cospe faísca eriça o pelo pula do cerco como o cerne tenro e furioso que oscila e fibrila tenso neste peito chamuscado e purulento



Divanize Carbonieri

É doutora em letras e professora de literaturas de língua na Universidade Federal de Mato Grosso. É autora de Grande (Poesia) e do 3o Concurso Lamparina Mágica (2016).



"POSTO DE GASOLINA"



Odair de Morais

(Ôda), cuiabano, autor de Contos Comprimidos (Multifoco, 2016) e do volume de haicais Instante Pictórico (Carlini & Caniato, 2017).

Ana, o homem chamou junto à porta de zinco.

As mãos espalmadas à altura do tronco na porta branca, como se a empurrasse.

Ana!, ele repetiu, quase numa súplica.

Nenhum barulho no interior do banheiro.

Tirou o boné surrado com a mão esquerda e apoiou a testa na porta, queria escutar um rumor que fosse vindo lá de dentro.

Coçou a cabeça.

O que teria acontecido com ela?

Fazia tempo que entrara no banheiro, reclamando do estômago.

Há dias se queixando de dor.

Enjoo. Ânsia. Diarreia.

Talvez por não se alimentar direito...

Você só bebe pinga, Ana, dá nisso.

Não se cuidava.

Andava suja e cheia de feridas pelo corpo.

Hematomas das últimas brigas coloriam como tatuagens a pele escalavrada, repleta de arranhões.

Esgueiravam-se juntos pelos becos escuros, lépidos e sorrateiros, dois gatos pardos sob a lua embaçada.

Comparados frequentemente a zumbis, ninguém tinha turava dobrado aquela noite. piedade deles. Se desse tempo, passaria

Nem mesmo quando, ao pedir um prato de comida, humilhavam-se diante dos moradores.

Bate na porta com o punho cerrado.

Não tinham pena de dois desgraçados?

Voltavam de madrugada arrancando a placa das casas. Divertiam-se, trocando-as de lugar.

Ana, você tá bem?

Ana não responde. Bem ela não estava.

Fala comigo, Ana, por favor.

O homem chama a mulher cada vez mais alto.

O desespero cresce: sobe e desce como um martelo atingindo a porta.

Chama a atenção das pessoas que antes sequer notavam a presença do homem vestido de mendigo em sua indigência.

A porta está trancada por dentro.

Mãos encardidas!

Ele cola a orelha na porta e suplica: Não faz isso comigo,

A conversa é animada em volta das mesas próximas. As pessoas riem.

Gesticulam. Ouvem músicas. Consomem muita cerveja.

A temperatura começa a diminuir: o entra e sai na loja de conveniência, porém, continua constante.

Por que viera descalço?, ele tenta se lembrar.

Observa as próprias canelas.

Os pés inchados.

Um talho no calcanhar direito o fizera caminhar até ali como um aleijado.

Perdera o chinelo.

Não! Arrebentara.

Pra falar a verdade, fazia tempo que não usava calçados. Agora ele praticamente esmurra a porta.

E bate cada vez mais forte: é ele o pugilista exangue encurralado nas cordas.

Os frentistas do posto de gasolina entreolham-se, inco-

Um sujeito bem vestido deixa o caixa a passos largos.

Gesticula enfurecidamente diante do funcionário que apenas observava a cena junto à bomba de gasolina:

Vai lá e manda o nóia dar o fora!

Por que eu?

Porque eu tô mandando, porra. Não sou o gerente? Vai lá ou amanhã está na rua. Escolhe.

Funcionário e gerente se detestavam.

Deixa estar, murmura o frentista.

Observa que, do outro lado da avenida, o baguncinha faturava dobrado aquela noite.

Se desse tempo, passaria lá antes de encerrar o expediente. Aproximou-se, sem muita pressa:

Qualé, mermão, quer detonar a porta mesmo?

Ana tá aí dentro, o homem explica.

Quem é Ana?

Minha mulher. Que às vezes limpava o banheiro, em troca de um lugar pra dormir.

Lavava o piso, esfregava os azulejos.

Não se lembrava? Quantas vezes tinham comprado álcool ali?

Os frentistas mesmos, zombando, diziam: Vocês vão morrer!, e punham o etanol direto da bomba na garrafa descartável.

Na fissura, de madrugada, sem nada pra comer, certa vez, Ana e ele discutiam por causa de duas latinhas de alumínio

De longe, o vigia do posto de gasolina gritava, exasperado, que calassem a boca.

Era tarde, ele queria dormir.

Os dois fingiam não escutar.

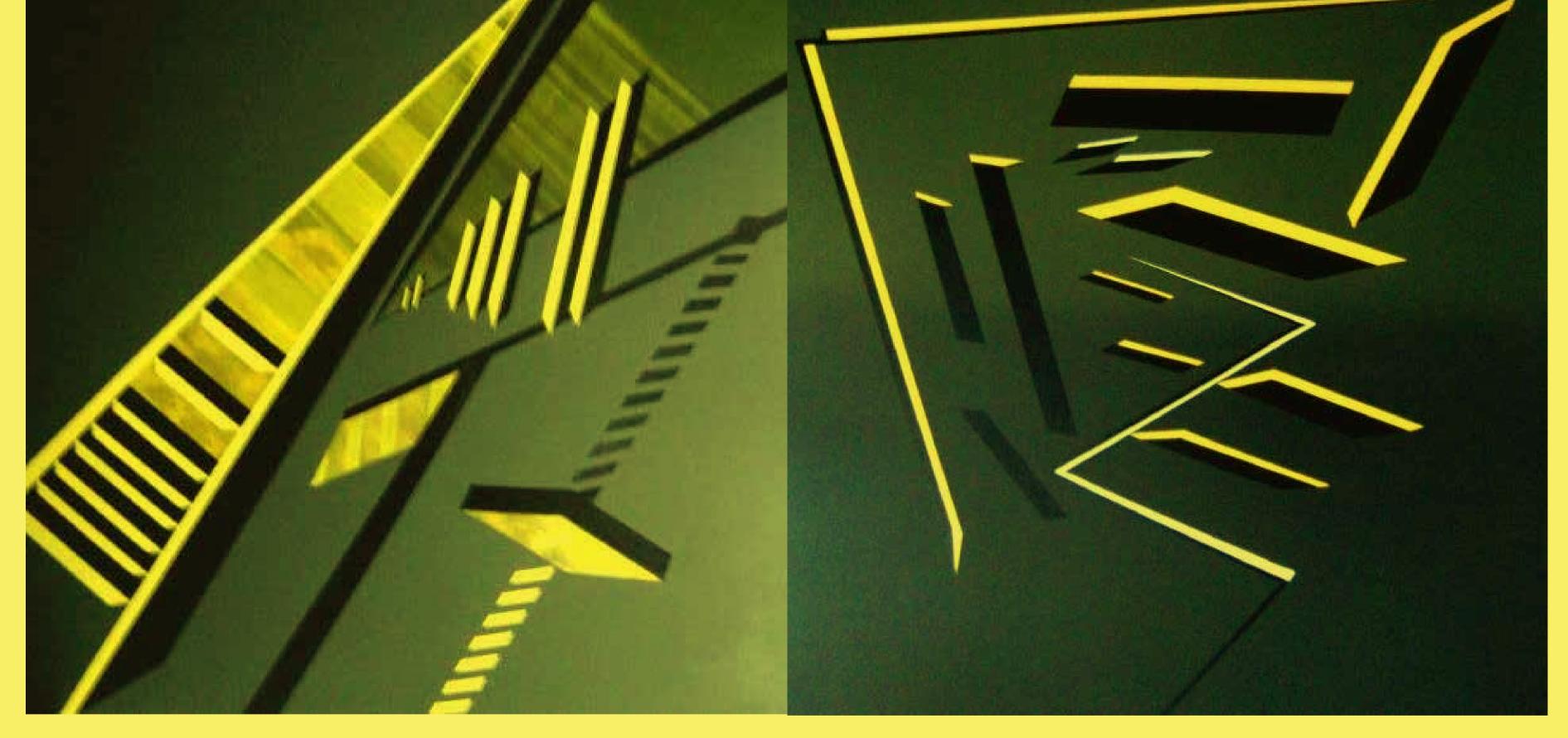
Ah, vocês não vão parar?, o homem não perdoou a insoência.

Chegou na voadeira, distribuindo socos e pontapés.

Chutava e socava sem dó o que encontrava pela frente.

Parecia ter o diabo no corpo.

Desde então, jamais se esqueceu.



Só por terem lhe perturbado o sono?

E eles por acaso tinham horário pra dormir?

Nem pra dormir nem pra se levantar.

na cara?

Saíram arrastando lençóis e pedaços de papelão pela cionamento outra vez as turbinas do ar-condicionado. calçada.

Subiram a avenida de FEB.

Caminhavam mudos e cabisbaixos.

Desolados.

Jogados à própria sorte nesse mundão de meu Deus...

Sem família, sem dinheiro, sem um lugar pra dormir – e nem ao menos para tomar um simples banho!

Com timidez, jogou o braço esquerdo sobre os ombros de Ana: um gesto raro entre eles.

Apesar de ter estranhado, ela consentiu: fera acuada Quantas vezes foram acordados com baldes de água fria que momentaneamente permite que lhe façam curativos.

Dentro da loja de conveniência, o vigia punha em fun-

Tentava agora, a todo custo, rebobinar o sonho interrompido.

Aos brigões como alternativa restou apenas esticar o esqueleto no chão sujo da praça, àquela hora ocupada por outros indivíduos.

Deitaram-se juntos, como há muito tempo não faziam. Com o lombo dolorido, ele recorda, adormeceram mais rápido do que de costume aquela madrugada.

O cara do posto movimentou a maçaneta três vezes com poça de vômito, abraçada ao vaso sanitário. impaciência.

Já tentei. Tá trancada por dentro.

Forçou a porta com o ombro pra ver se não estava emperrada e confirmou que não teria jeito.

Caminhou em direção às bombas de gasolina.

Ia chamar o vigia.

Ao ouvir o que o outro dissera, o homem afastou-se, colocando-se a uma distância que considerou segura e esperou.

Ficou de longe observando.

O vigia veio e pôs a porta abaixo, com a expertise de quem dinamita a entrada de um cofre pela primeira vez.

No interior do banheiro, a mulher estava caída numa

Morta.

No rabecão, horas depois, foi levada ao IML.

Ana não portava documentos e ninguém jamais soubera da existência de algum parente vivo, morto ou até mesmo distante.

Ela não comentava.

Se examinassem o banheiro onde encontraram-na morta, porém, veriam na parede um número de telefone riscado às pressas com um grampo de cabelo.

Onze dígitos.

Em caso de urgência, a mãe insistia, pode ligar.

PARA QUEM (NÃO) TEM ASAS

O poema (não) deve ter

A graça de uma garça

A sutileza de um tuiuiú

O voo de um par de araras

A atenção de um bando de periquitos

A troca de roupa de uma lagartixa

Os contornos de um caracol

A ligeireza de uma lagartixa

A espera do pulo de onça

A correção de formigas em uma casa

A fazer limpeza no texto morada

Um olhar atento no livro

Um link aberto na tela

Um like, um comentário e um print

Sem que as metáforas assustem

Mas que busque o significado

Dentro de si e desvende seus enigmas

E, sobretudo, se embebede nas imensidões da poesia

Porque a vida não é andar em círculos

Mas é bom se perder nos labirintos

Da palavra poética e que siga

Os contornos das formas retas

E que a ilucidez do poema

Trespasse as metáforas

Perdidas no encontro do infinito

E, finalmente, os voos se tornem necessários

Caso não tenha um pouco disso tudo

Melhor viver do nada

E ser um náufrago da existência

Porque poesia é para quem (não) tem asas.

Sede mata (Não) (pro)ceda Ao amor (Des)conversa Se (não) for poesia.

SEM HORA PARA A LUA

Lua, metáfora em luz,

Musa birrenta de poetas clássicos.

Acreditas que ainda causas encantos?...

Não consegues mais arrumar casamento.

Nem com dotes.

PIXÉ

Nem o sol lhe aguenta.

Quando enorme, a gema inteira

Não cabe em si.

Não vale a pena em qualquer lente.

Fresca, atrevida, permissiva,

Foi-se o tempo em que eras margarida.

Hoje sequer baixas guarida.

Outrora metáfora aurífera,

Hoje pingente de souvenir. Não adianta.

Os apaixonados suicidaram-se

No século dezenove.

A magia acabou.

Não mais existe o casto,

Mas permanece o incesto

E, acredite, o incerto.

Lua, metáfora atrevida,

Cata teu brilho e vá brilhar em outro lugar!

As pessoas aqui são volúveis.

As mulheres ainda são musas,

Só que de Instagram, Facebook e WhatsApp.

Os rapazes antes finos.

Agora fitness. Descansam o cérebro

E celebram os músculos nas academias.

(Não de letras, é claro!).

Anda!... Não há likes pra ti.

Há para debates infindos,

Para abates e massageio de egos,

Para a santa ignorância,

Para o pouco verbo.

Ninguém mais escreve cartas.

Ninguém telefona para ouvir a voz do outro. Ninguém visita para dar um abraço,

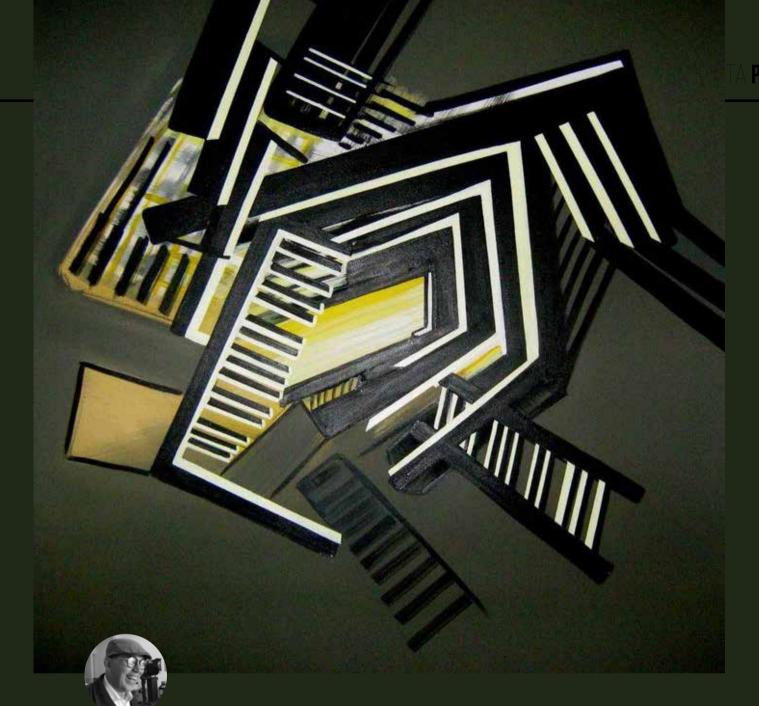
Tomar um café ou beber um vinho.

Apenas conectam-se, mutuamente.



saac Ramos

Poeta e crítico literário. Nascido em Tabatinga-AM. Reside em Mato Grosso desde 1998. Graduado em Letras (UFMS), em Aquidauana-MS. Mestre e Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP). Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso há 22 anos. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNEMAT. Atualmente coordena a pesquisa "Signos e significados na poética engajada e religioso de D. Pedro Casaldáliga", com apoio da FAPEMAT. Publicou A metáfora do olhar: Alberto Caeiro e Manoel de Barros (2018) (crítica literária, em fase de lançamento); Teias e teares (2014), Festa de Letras (1997), Astro por rastro (1988), Reflexões (1984) (poemas). Membro da ALB (Academia de Letras do Brasil – seção Amazonas) e ABEPPA (Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan-amazônicos), em Manaus-AM.



João Bosquo Cartola

Poeta, jornalista e licenciado em Letras/UFMT, mora e trabalha em Cuiabá. Como jornalista atuou nos jornais O Estado de Mato Grosso, A Gazeta (Cuiabá), em 2001 editou o semanário A Notícia (de Cáceres); presidente do Sindicato dos Jornalistas (1995-1998) e desde 2002 trabalha como assessor de imprensa, até janeiro de 2015, como repórter da Secom/MT, entre 2015 e 2017 volta à redação como repórter do *DC Ilustrado*, caderno de cultura do jornal Diário de Cuiabá, atualmente trabalha como freelancer. Morou em Curitiba, onde publicou o livro *Abaixo-Assinado* (1977) em parceria com L. E. Fachin. Em Cuiabá novamente, os livros *Sinais Antigos* (1981), *Outros Poemas* (1984), *Sonho de Menino é Piraputanga no Anzol* (2006) e *Imitações de Soneto* (2015). Participou das antologias *Abertura* (1976), *Panorama da Atual Poesia Cuiabana* (1986), *A Nova Poesia de Mato Grosso* (1986) e *Primeira Antologia dos Poetas Livres nas Praças Cuiabanas* (2005); com Abdiel 'Bidi' Pinheiro Duarte editou o alternativo *NAMARRA* (1984/86) e coordenou o projeto *POETAS VIVOS* (1987/88), da Casa da Cultura de Cuiabá.

REVISTA **Pixé** 55

CAFÉ DO ANO NOVO

Estou aqui. Bebi o café quente do ano novo, lembrei-me de pessoas e dum livro de poemas lidos quando queria ficar triste, mas alegre permaneci olhando para fora da janela do próprio tempo

Contar o tempo quando se vê no espelho do banheiro, ao fazer barba de pelos brancos, é obrigação diária sem se exaltar, sem desespero, sem indignação vária.

Estou aqui, neste mesmo recinto que me verá quiçá, centenas de anos, procurando palavras nesta inglória luta com a linguagem materna entre o sentir e o papel em branco de poesia...

Este meu recinto, sinto, precisa de limpeza interna: menos egoísmo, mais compaixão e decisão na busca pra superar o Pantanal desta minha humanidade.

DE TAPETES, PÁSSAROS E PEIXES!

Ninguém mais se lembra dos tempos belos tempos, que o povo andava de tapete voador aos pares de ares e descia em qualquer estação do ano

Voar nestes tempos, até passarinho com asas cansadas, prefere andar nas calçadas mesmo correndo risco de, num momento, ser atropelado

- O tempo voa! De regra todos dizem meio que sem entender o que é dito, e o tempo se desfaz na corrida do dia-a-dia...

Não possuo asas, nem tapete voador... Contrariamente tenho nadadeiras e vou sereno pelos rios até o Pantanal.



É graduado em Administração, pós-graduado em Gestão universitária. Servidor público da Universidade do Estado de Mato Grosso — Unemat, desde o ano de 2005. Trabalha na biblioteca do campus de Alta Floresta — MT. Começou a escrever em um blog e publicou alguns livros de informática básica, no ano de 2015 publicou seu primeiro romance de maneira independente e hoje já tem mais de dez histórias publicadas, todas de maneira independente. É membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras — ASCL na qual ocupa a cadeira de número 16.

SEXTA-FEIRA 13: UM DIA PARA ESQUECER

Naquele dia Carlos havia planejado sair do trabalho às dezoito horas, passar em casa tomar um banho e depois ir à casa de sua noiva. Mas nada do que ele planejou até aquele momento havia dado certo.

Um monte de imprevistos aconteceu no seu trabalho e o patrão ficou pegando no seu pé o tempo todo. Como consequência, teria que ficar no escritório até mais tarde para resolver todas aquelas pendências. Resultado disso tudo é que ele foi o último a sair do escritório quando já passavam das vinte e uma horas de uma noite muito escura, daquelas que dão medo.

Quando ele foi até a garagem do edifício para pegar seu carro, percebeu que um dos pneus estava furado, tão vazio que era impossível dirigir até uma borracharia. Já não bastava sair tarde do serviço ainda teria que trocar o pneu furado para poder ir embora.

Muito irritado ele abriu o porta-malas e retirou o forro que o protegia para poder pegar o pneu reserva. Tamanha foi sua surpresa ao ver que o pneu reserva estava completamente vazio. Xingou até a sua última geração por não ter verificado isso da última vez que calibrou os pneus do carro. Depois de se acalmar um pouco, Carlos decidiu por deixar o carro ali mesmo. Afinal sua casa ficava muito longe dali, mas a casa da noiva estava a menos de um quilômetro de distância. Passaria a noite lá e na manhã seguinte chamaria o socorro para arrumar os pneus do seu veículo.

O rapaz saiu caminhando tranquilamente pelas ruas da cidade, levou um susto quando um gato preto cruzou correndo em sua frente ao atravessar a rua de um lado para o outro. Logo mais à frente a rua estava cheia de veículos nos dois sentidos e sua única opção era passar por debaixo de uma escada que estava encostada na fachada de um comércio, onde um homem trocava uma lâmpada que estava queimada. Carlos não acreditava em superstição e muito menos nessas coisas de azar. Logo passou por debaixo da escada apenas cuidando para não bater a cabeça e seguiu o seu caminho.

Ele caminhou mais alguns metros dobrando aquela esquina e quando se deu conta já estava com uma arma apontada para si. Um delinquente queria lhe assaltar, levou seu celular e todo o dinheiro que ele tinha na carteira, assim como os seus documentos, não levou as chaves porque não lhe serviriam para nada. Pelo menos ainda tinha as chaves de seu carro — pensou ele já acreditando que não deveria sequer ter saído de casa naquele dia.

Carlos caminhou mais um pouco e parou na esquina até que todos os carros passassem e ele pudesse cruzar a rua. Neste momento um dos veículos passou em uma poça de água e lhe atingiu molhando toda a sua calça. O que mais poderia lhe acontecer? Por sorte Carlos já estava em frente à casa da namorada e agora poderia tomar um banho e ficar namorando com sua noiva para esquecer o dia horrível que teve. Precisava esquecer aquele dia, nada melhor do que fazer isso passando a noite nos braços de sua amada.

A luz da sala estava acesa e a porta da frente não estava trancada, mas apenas encostada. Carlos achou aquilo estranho e entrou em silêncio, caminhou até a cozinha e não havia ninguém por lá. Notou que a luz do quarto estava acessa. Sua noiva deveria estar trocando de roupas para dormir. Afinal já passavam das vinte e duas horas e ela costuma dormir perto desse horário.

O rapaz abriu a porta discretamente para não a assustar, afinal a moça poderia pensar que fosse um bandido. Ela não deveria esquecer a porta destrancada a aquelas horas da noite. A primeira coisa que ele viu foram suas roupas íntimas jogadas pelo chão e outras que Carlos não sabia de quem eram. Ao olhar para a cama sua noiva estava totalmente nua, seus olhos brilhavam como duas esmeraldas. Aquilo não poderia ser verdade, mas era. Suas pernas se enlaçavam ao redor do corpo daquele desconhecido enquanto ela se entregava sem nenhum tipo de pudor. Um estupro? Não, o prazer que ela tinha no rosto era algo que ele jamais viu quando os dois faziam amor.

Carlos pensou em correr até a cozinha e pegar a primeira faca que encontrasse para matar ambos, mas não. Estava imóvel. Aguardou apenas até o momento em que foi notado pelo casal. Não disse uma palavra. Virou as costas e deixou aquela casa para nunca mais olhar para aquela mulher.

Caminhando pela rua, Carlos retornou até a garagem onde deixou o seu veículo. Dormir dentro dele já seria o suficiente para encerrar aquela noite maldita. Quando chegou ao local notou que seu carro não estava lá. Foi roubado! Alguém teve o trabalho de substituir o pneu para depois levá-lo? Aquilo era inacreditável, mas realmente tinha acontecido. Tudo bem que o carro tinha seguro, mas teria muita dor de cabeça até resolver tudo.

Que azar! Carlos não entendia como aquele dia tinha acabado assim. Um dia que deveria ter sido perfeito. Quando ele olhou para a parede e viu um grande calendário nela grudado, quase caiu sentado. Era sexta-feira 13, estava tudo explicado.



Júlio Custódio

Filósofo da Linguagem e da Lógica (atualmente com PhD em curso), tendo atuado como professor de Filosofia na UFMT. Também é músico, compositor, arranjador e produtor musical; trabalhou com vários artistas entre eles Vanguart e Caio Mattoso, além de trabalhos solos. O livro de poesias Você derrubou coisas pelo caminho é sua primeira publicação literária.

AO HOMEM QUE EU NÃO CUMPRIMENTEI NA RUA

desculpe a pessoalidade da vida os barulhos da cidade, o sono ruim os dias curvos exigindo novas percepções algo ali entre o paladar e a aceleração fotos suas jamais reveladas a você eu vi o eu-você dele, plenamente, creio eu a cara cansada de uma vida alegre e mal dormida educação ímpar, gestos raramente alcançados se ajustou de leve - só vi através da outra visão lembrei de todas as vezes que esbarramos na rua aquele olhar transmutado em criança ou menina homem, vendedor, mãe daquele cheiro rosa evaporando dos bueiros do assoalho seboso e da maçaneta sebosa dos lares nos trai como a roupa quando mostra sem querer havia muita verdade e havia muita mentira cada uma com sua porosidade - nesse momento eu pensava na lista de compras não me restam dúvidas quando lembro seu espírito? não havia nem eu ali! uma máquina bondosa e vingativa antes achei que tinha barba feita agora até parece uma mulher fixa na mais íntima essência ou junto ao fluxo da correnteza que varre eu queria te aliviar sobre os grandes temas - eu percebi, com aquele outro sentido, como você os escondeu por certos motivos te agradecer por ainda existir estar aí até hoje na esquina pois é bom viver nem que seja para isso

OS ERROS QUE VOCÊ METRAZ chego em outro coração como cheguei no primeiro desconcertado de ainda ser possível estar lá pois um dia o eterno eu-estrangeiro que ri diferente que descasca a pele vencida um dia voltará como sempre irremovível e indiferente não sei do que me livrará em tal situ já não tenho pulsação nem m que me deixe ao menos um pulmão!

60 Revista **Pixé**



Lucinda Nogueira Persona

Escritora, bióloga, professora e membro da Academia Mato--grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro Por imenso gosto. Publicou, entre outros: Ser cotidiano (1998), Sopa escaldante (2001), Leito de Acaso (2004), Tempo comum (2009), Entre uma noite e outra (2014). Tem no prelo O passo do instante.

PALOMAS

Certa manhã e depois
durante toda a primavera
aquele casal de pombos fez-me testemunha
do fervor de suas núpcias
do ruído de seus voos
de suas glórias no chão
(por uma família)
Ostensivo revolutear de um lado a outro
Tagarelices de amor e papo cheio
O casal elegeu para ninho o beiral da casa
Local protegido da intempérie
Secreta estrutura que me foi advertida
por apropriados sinais construtores:
pequenas viagens, gravetos, palhas e pluma

pequenas viagens, gravetos, palhas e plumas danças idílicas, exibições, bicadas, arrulhos várias copulações visíveis (com que ligeireza e escandalosa naturalidade) E no piso as fezes de todos os dias as cascas de ovos caídas do ninho Sim, eu vi pedaços de vida (como um espelho).



62 PIXÉ



PRÓLOGO

cozinha, banhada por uma luz amarela, ainda estava fresca. As janelas fechadas, no entanto, favoreciam a onda morna que vinha do forno ligado e arrastava-se pelo chão de azulejo xadrez. Bem no centro, farinha espalhava-se na grande mesa de madeira, por vezes caindo no chão ou ficando em suspensão no ar, iluminada pelos feixes de luz que se esqueiravam pelas vidraças.

Maria de Lourdes apertava a massa com movimentos firmes. Abria, colocava mais farinha, apertava, fechava, abria e assim por diante, até a consistência chegar ao ponto ideal. Conforme preparava o pão, sentia sua barriga, antes imperceptível embaixo do avental, crescer. Estava grávida.

No momento em que colocou a massa oval na forma untada de manteiga e a levou ao forno pré-aquecido, sua barriga estava tão grande que foi obrigada a afrouxar o avental. Gotículas de suor escorriam de sua testa.

Lourdes abriu a geladeira e, de dentro, tirou uma jarra de vidro cheia de água gelada. No primeiro contato com a mesa untada e o calor que agora irradiava por toda a cozinha, a jarra também começou a suar. Foi nesse momento que Lourdes encolheu-se, fazendo uma careta, levando a mão à barriga. A primeira contração.

No chão, um líquido viscoso espalhava-se, escorrendo de sua perna e manchando a barra do vestido. Lourdes respirou fundo, paralisada pelo medo. Então ele entrou. Vestia uma camisa social branca com listras azuis e segurava uma maleta de couro. Colocou a maleta no chão e, com cuidado, segurou a mão de Maria. Sorriu.

- Está na hora, querida - ele disse.

Ela, agora com o cabelo colado no pescoço molhado e expressão aterrorizada, acenou. Ela respirava fundo, mas isso de nada servia para acalmar os nervos. Ele, notando, segurou a mão dela com mais firmeza. Com os olhos na esposa, levou a mão dela à boca. Primeiro,

REVISTA **PIXÉ** 63

> deu um gentil beijo. Depois, mordeu com força. O primeiro grito ecoou pelo ambiente abafado enquanto sangue espalhava-se pelo chão.

> Engolir a mão não foi tarefa fácil, mas era necessário prosseguir. Depois da mão, o braço direito, o esquerdo, a cabeça, pescoço, tronco. A barriga foi difícil dado o seu estado avançado de inchaço. Sentia o maxilar doer, os dentes latejar, mas não parou até engolir o mindinho do último pé.

> Quando terminou, estava jogado na poça de sangue, ofegante, suas roupas manchadas de um vermelho tão escuro que parecia preto. Demorou até conseguir levantar e beber a água da jarra que agora suava tanto quanto ele. Bebeu um gole quando sentiu uma dor de cabeça tão intensa que quase derrubou o vidro no chão.

> Cobriu a testa com as mãos, apertando, tentando fazer com que a dor fosse embora. Os dentes cerrados, os olhos fechados, as veias saltando. E então, o segundo grito ecoou pela cozinha. A testa ardia, parecia dilacerar-se. Ele caiu de joelhos, sentindo que a cabeça partia-se em duas.

> Teve certeza guando uma mão saju do mejo de sua cabeca. Uma segunda mão seguju, fazendo força para que a pequena fenda crescesse e desse mais espaço. Logo, uma cabeça, pescoço, tronco, bunda, coxas e pernas também seguiram o mesmo caminho. Ele, com a cabeça partida ao meio, jazia inerte no chão ensanguentado.

> Olívia, um vestido que poderia ter sido branco, mas que agora estava colado em seu corpo, pingando vermelho, ficou no chão, como que aprendendo a respirar. Assustada, olhou em volta. Depois de um momento, levantou, erquendo seu corpo de mulher feita, abrindo os olhos, a respiração incerta. Apoiou as mãos na mesa.

> Vendo a água morna na jarra, decidiu que era melhor que nada. Bebeu tudo. O calor era tanto que se sentia sufocada. Então um apito. Vinha do forno. Ela agachou-se na frente dele e viu que o pão caseiro estava pronto. Pegou a luva térmica, abriu o forno com cuidado e levou a forma até a mesa.

> O pão dourado tinha um aroma irresistível. Olívia pegou uma faca. Uma pontada. Assustada, olhou para baixo. Sua barriga, antes lisa embaixo do vestido ensopado, agora formava uma pequena protuberância. Ou seria impressão? Talvez fosse.

> Olívia abaixou-se para pegar a faca. Limpou-a com um pano de prato e cortou um pedaço de pão. Divino. Sentiu outra pontada. Agora não havia dúvidas. Sua barriga, antes do tamanho de um melão, agora assemelhava-se mais a uma melancia. Uma pequena, mas parecia crescer numa velocidade assustadora. Então ele entrou.

> Com as mãos na barriga que se expandia, Olívia mal conseguia ver o vulto, uma figura alta que se aproximava. Não importava o quão perto ele estivesse, seu rosto era uma sombra, assim como o resto do corpo.

> Olívia contraiu-se. A dor. A sombra passou a mão pelo seu braço. Um toque suave, reconfortante. A sombra olhou a própria mão, agora manchada com o sangue do pai.

> - E agora? - perguntou Olívia, sua voz esganiçada pela dor e abafada pelos dentes

A sombra suspirou, passando os dedos mais uma vez pelos braços de Olívia, partindo do ombro e indo até o cotovelo. Tivesse ele olhos, observaria a jovem com afeto. Amava-a.

Agora... - ele disse, apertando sua mão. – Agora é a sua vez.

64 REVISTA **PIXÉ**

CAFÉ

Dê-me café, Quero escrever.

Uma xícara desse tônico E terei forças renovadas, Encontrarei a palavra perdida Que caiu como folha Da árvore da vida.

Dê-me café, Quero escrever.

Sou aristocrata, Poeta, Basta o aroma

Basta o aroma E cantarei a luta de amor e fé

Nesta página aberta.

Dê-me café, Quero escrever.

Estímulo para meu cérebro, Investigarei pensamentos, Sentimentos, Decretos divinos E registrarei tudo

Com dedos ágeis sobre as teclas.

Dê-me café, Quero escrever.

Um pouco mais Dessa infusão das Arábias E não terei mais sono, Revelarei segredos,

Juntarei letras em estranhas galáxias E mergulharei num outro universo.

Dê-me café, Quero escrever Até morrer.

CICATRIZ

Impressa para sempre Uma cicatriz, Uma marca, Uma fibra Acima do olho.

Nem sei como foi, O que fiz: Uma queda, Um delírio, O fio cortante De sangue Até a raiz.

Algo me empurrou contra a parede:
Uma força,
Um descuido,
Uma palavra infeliz.

E agora
O que estava dentro de mim,
Oculto,
Virou traço exposto
Em meu rosto,
Um dano,
Que me aperta a alma
E a cerviz.
Será duradoura
A lembrança
De tanta ofensa,
De tanta afronta
Que recebo do mundo
E que me têm tornado infeliz.

O tempo tirará a dor, Firmará a chaga, Eu sei, Seca, seca, Ficará a cicatriz. REVISTA **PIXÉ** 65

ALMA E LAMA

Quando foi que a lama se transformou em

alma?

Era tudo brejo, Terra agitada, Fermentada E plástica,

Solo palpitando de bolhas,

De larvas, De insetos,

Rabinhos com olhos de feto

E vieram o sopro,
O ar nos pulmões,
A vida pelo sangue,
Pelo fígado,
Pela medula e ossos,
Pulsando quente
Como chama.

Quando foi que a alma se transformou em

lama?

Era tudo espírito,

Energia, Fio de prata, Palavras e gestos, Imagens que brotavam

Do intelecto,

De uma fonte de amor Luminosa e intacta

E vieram os desejos, As paixões,

As trevas,

A ausência de sombra E a alma rolou no lodo.

Vagando

Como um fantasma.

Corpo nu,
Contaminado,
Enterrado na lama,
Tumor que lateja
Coberto de lesmas,

Lêndeas E gosmas;

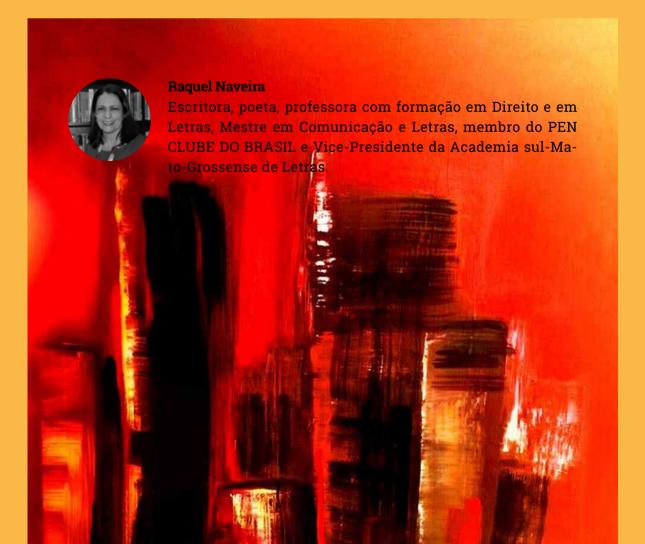
De repente, as águas da chuva

Lavam o corpo

E da boca

Sai uma borboleta.

Lama e alma, Apenas uma asa, Uma letra.





MORTE

De incerto modo,
Amar, mata.
Fez-se claro...
Amar não é vida, é morte
A morte cristaliza as coisas
E amor é cristal em cortes.

Cristalizar-se é estatuar a vida Não respirar... Não falar... Não andar... Quem ama é estátua, Estátua sofre... Em branca pele não respira, Imóvel, não enxerga o amor que passa em cofres

Eu sou estátua

Todas as indiferenças foram cravadas em meus braços,

(Sou estátua, rígida, pesada, meu amor passa por mim mas nem existo)

Sou lixo, sou nada,

Sou o frio em pedaços.

SOCORRO

Se eu pudesse estar em dois mundos Se eu pudesse ser duas pessoas Se eu pudesse falar de mandarim...

Eu existo em dois mundos Eu sou tantas caras, fétidas máscaras Eu entendo tua fala

Não me jogue fora, me tenha Me dê o presente preso em acústicos laços vermelhos Escute o estranho coração, que não sabe envelhecer o que trucida a alma e queima o estômago. Me ensine a engrossar mingau de aveia... **68** REVISTA **PIXÉ**

CERVEJA

E Eu e o álcool estamos em conexão plena, íntimos, amantes, universos unificados... Amo você, loira. Adoro seu cheiro, seu toque molhado em meus lábios sedentos, sinto você em mim.

Faz o coração acelerar e me dá tanto prazer, mesmo quando te observo de longe, indiferente, fria, gelada;

Mas é na tua essência que me perco, teu gosto, meu Deus, como você é gostosa! Venha cá, amo você e você me ama também.

Eu preciso de você para existir

Você só existe em mim então vem e me embriaga, me tira desse mundo sem você. Amo você, minha loira, amo você de um jeito muito especial;

Só o teu sangue gelado me aquece (-5°);

Estás entre as cinco e és a única que sabe.

Sabes muita coisa sobre mim, meus olhos te contam tudo, os teus me abrem mil possibilidades.

Veja só, falar justamente de você enquanto escrevo bêbado;

Tudo remete a você, sempre foi você desde o primeiro dia;

Muitas vezes eu fingia não saber, mas sabia sim, sempre senti.

Será por isso que gosto tanto de cerveja?

Amor no sentido puro de amor, sem hipocrisias;

Não é exagero, somos só nós dois, senhores de nossos próprios universos;

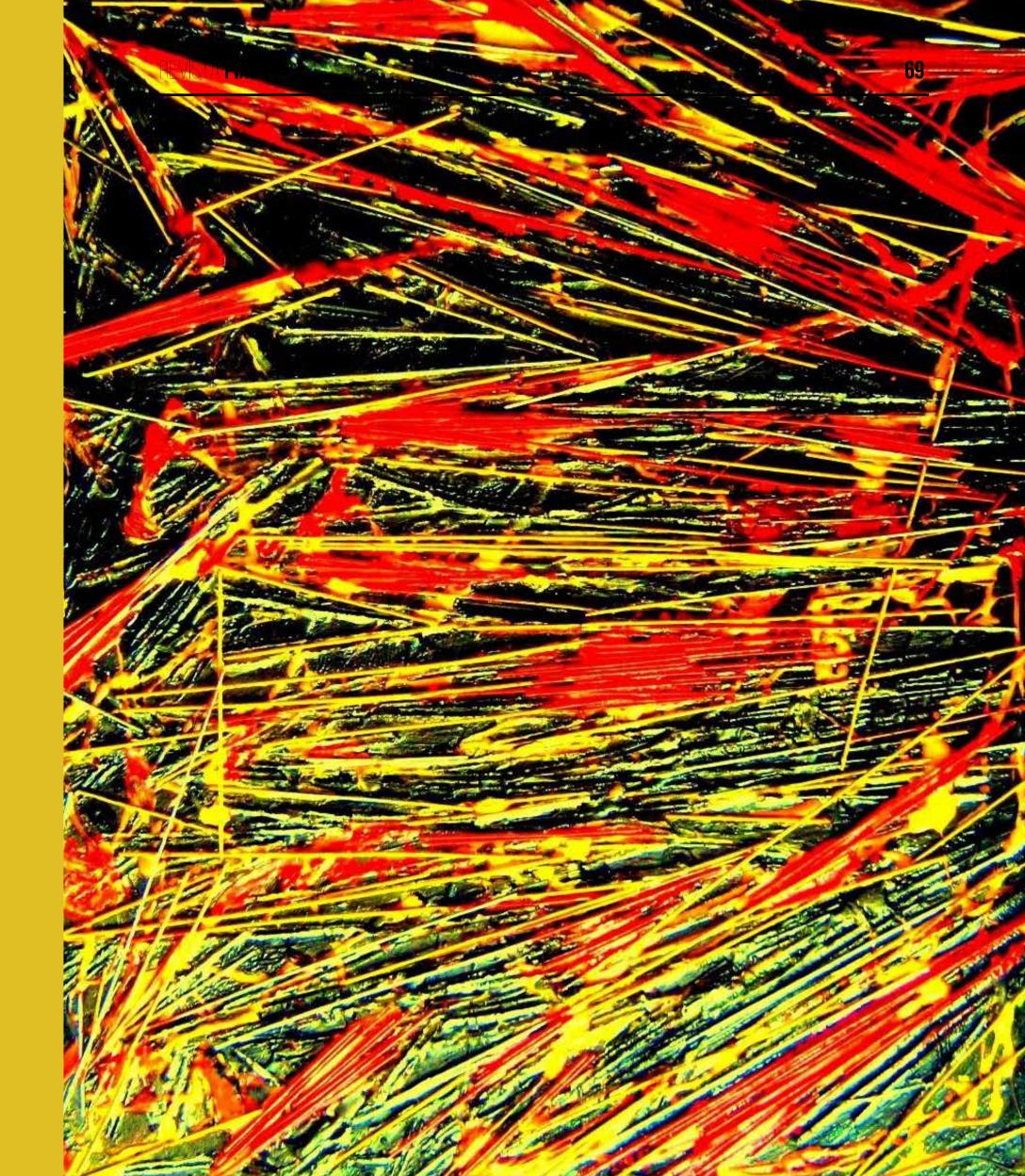
Plenamente conectados, loira, como eu e o álcool;

Eu e você finalmente nos encontramos, como um bêbado te escreveu certa vez que seria.



Klaus Henrique Santos

Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).



70 REVISTA PIX

UM TIRO SAÍDO DO REFORMATÓRIO

runa Meneguetti me deseja que goste da história e que o livro me faça viajar para o Rio de Janeiro na década de 50: conseguiu! Mais que isso, me possibilitou andar lado a lado com o General Lott, observar ao fundo as vicissitudes de Juscelino, submeter-me à observação da insensatez de um Golbery do Couto e Silva. Salva de palmas para a literatura brasileira contemporânea; para a escrita feminina potente e diversa; para leitores que não se contentam com finais felizes de dramas inúteis; uma salva de tiros de festim por tantos começos e tantos meios, enfim!

O PRIMEIRO TIRO: "Sabia que o primeiro tiro foi disparado contra um navio holandês, em 1599?" (MENEGUETTI, 2019, p. 271). Consta dos manuais de história que certa esquadra com a tripulação acometida de escorbuto fora expulsa da Baía, escurraçada por tiros disparados contra o comando holandês de Olivier Van Noort. A velha Baía, tão protegida pelos indígenas, repousa sobre águas tranquilas, enquanto tiroteios esculpem as paredes de classe alta, média, perfuram lajes e destroem habitações humildes da cidade de São Sebastião. Copacabana, princesinha do mar, enlameada de sangue na Toneleros. A bossa nova seria trilha sonora daqueles anos, corpos seminus a caminho do mar, uísque com guaraná, garotas de Ipanema, não de Irajá.

UM SEGUNDO TIRO: ainda tenho minhas dúvidas se o caudilho atentou mesmo contra a própria vida. "... imaginar que era verdade quando Getúlio dizia que só sairia morto do Catete? Quem pensaria que ele afirmaria em uma carta ter dado fim à própria vida diante da pressão de seus inimigos, contrários ao trabalhismo?" (idem, p. 33). Visitar o Palácio do Catete é penetrar surdamente no reino daquelas palavras, parodiando a Drummond. Tanta pedra em nosso caminho. Mas quem saberia o caminho das pedras, o vidente cego de nome Isaías? ; ou os frequentadores do Clube da Lanterna — luzerna em permanente vigília a fim de manter as benesses do poder intactas, longe do alcance popular? "Então Lott puxou o gatilho, fazendo com que o rapaz caísse no mesmo minuto" (idem, p. 62).

O Rio de Marielle, o de Pezão, aquele do Brizola. O Rio do samba, da cachaça, das escolas de samba. O rio da malandragem, das milícias, das sevícias em geral. Toda a água do Rio vai para o mar. Vai, vaza!. Água que passarinho não bebe, água de beber e de brincar. A beira da praia. "Lagoão grande" que o mineiro JK governaria, a caminho da construção de Brasília. Cinco anos em cinco. Café com Leite: Café Filho com leite quente, Luz para todos que acompanhavam o Tamandaré. Marcha a ré na democracia.

A classe operária foi corrompida moralmente pela legislação trabalhista. Quem votou em Kubitschek e Goulart o fez com a emoção e não com a razão. Devemos desconsiderar seus votos por causa disso, pois foi assim que Hitler ganhou as eleições e foi assim que vimos ditadores chegarem ao poder através do voto popular, porque aproveitaram a emoção e mobilizaram o povo impedindo-o de raciocinar. Temos que impedir um golpe por via eleitoral! O PSD e PTB trarão um governo de falsidade (idem, p. 91).

O TERCEIRO TIRO: "Sim, o último tiro da Guanabara foi disparado! — Isaías colocou a mão no próprio ombro, feliz por finalmente poder dar descanso ao corpo e, principalmente, ao braço ferido. — Preciso apenas que faça mais um favor" (p. 295). O Rio de Janeiro continua lindo. Paraíso dos surfistas, quintal imigratório de aves que pousam, se alimentam e voltam para seus lares. Terra de ausentes. Terra de presentes. De deuses, adeuses, água para mais de metro.

REVISTA **Pixé** 71

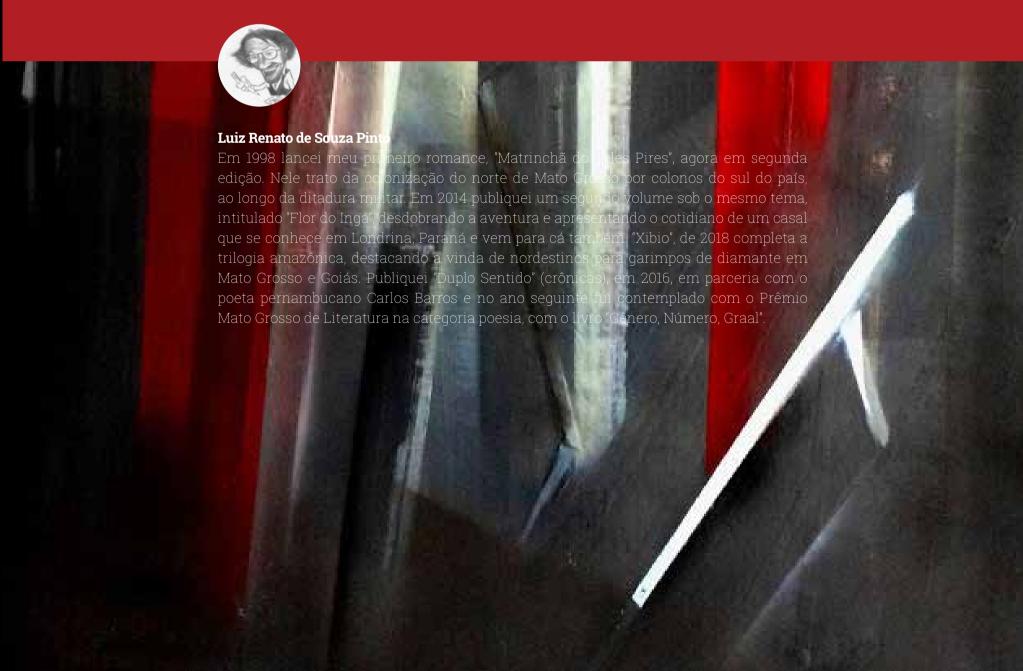
O romance de Bruna Meneguetti é dessas obras que nos fazem torcer o beiço para injustiças, nos pega pelo lado avesso da história e faz duvidar do que se lê e ouve. Não há sintaxes difíceis de compreender. A retórica do texto envolve a trama em nuvens de fumaça colorida, névoas que colocam o leitor no campo de percepção do vidente que a tudo enxerga e quase tudo vê. Torço por Genoveva que vende o pão que o próprio diabo amassou. Torço não pelo que sova, mas pelo que é sovado. Joana e Cecília. Sofro pelo General Lott. Brasiliana e Penélope não me despertam sentimentos de nenhum calibre. Ao lado do Juscelino havia sim, uma grande mulher.

Jango para mim é uma espécie de Oswald de Andrade sem a verve artística. Jânio Quadros é patético. "Desde 11 de novembro de 1955, nenhum tiro foi disparado na Baía de Guanabara" (p. 299). Brinco com Bruna, que conheci na Patuscada, Livraria & Café, em São Paulo: "Que tiro foi esse?", ao que ela me responde: "espero que depois de ler me diga que livro foi esse!". Encerro com uma imagem desenhada com poucas palavras na orelha do livro, assinada pelo premiado escritor José Almeida Júnior:

...com intenso trabalho de pesquisa, a autora reconstrói o Brasil dos anos 1950, preenchendo as lacunas e recontando a História Oficial. O último tiro da Guanabara é bem sucedido ao trazer à tona um episódio pouco conhecido da História do Brasil de maneira bem-humorada, fluida e instigante.

REFERÊNCIA

Meneguetti, Bruna. O último tiro da Guanabara. São Paulo: Reformatório, 2019.





REVISTA PIXÉ 73

RESENHA LITERÁRIA

título "A GENTE ERA OBRIGADA A SER FELIZ" é o signo indicial do romance. Aponta para duas oposições **era obrigado** e **ser feliz**. Tal aproximação parece curiosa e surpreendente. Existe o lance dentro de uma circularidade em que TEXTO E REALIDADE se fundem, sem se confundirem.

Nesta estrutura recíproca e original há o vislumbre do instalar de um esforço e um fazer criativo e singular.

O pano de fundo deste livro é a ditadura militar instaurada, que ressoa em todo o território nacional e espoca nas grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. E o espaço carioca é a cena em que tudo acontece (locus do **era obrigado**)

Na favela nasce o personagem Aurélio Espírito Santo (eis um batismo incoerente proposital ou inconsciente) que é aquele que deve **ser feliz**. Eis aí a centralização das forças e o núcleo do círculo opositivo.

A escritura romanesca de Mahon mostra mais uma vez a força, a disponibilidade de desabrochar e permanecer, de estabelecer um viver no mundo, na dependência de um outro: o leitor.

Os diálogos de Espírito Santo com os cavalos (também com nomes "exóticos") conduzem à constatação da base antropomórfica, que lança no espírito a solidão do personagem.

Entre o alto e o baixo, entre a cidade e a favela, entre o rápido raciocínio e a lerda ação vai o romance trilhando seu caminho intertextual.

A obra A GENTE ERA OBRIGADA A SER FELIZ é um resumo dos homens que lutam no anonimato e um fragmento da memória histórica. O personagem acentua sua solidão com uma conduta impecável de fidelidade e afeto tanto aos amigos em silêncio como especialmente nas longas conversas e conselhos com os equinos.

O trato do **obrigado** e do **ser feliz** sinaliza a força do escrevente/ artista/coletor da humanidade entristecida. Impositivo lembrar o crítico e ficcionista Severo Sarduy: "a literatura é uma arte de tatuagem: inscreve, cifra na amorfa realidade da linguagem informativa os verdadeiros signos da significação".

PIXÉ 74

HALUHALUNEKISU, A ARVORE DO SABER





Anna Maria Ribeiro Costa

É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiguara.

na abóbada celestial existe uma enorme Figueira, Haluhalunekisu, visível apenas aos olhos do wanintesu, o pajé, único que pode, à tarde, viajar às alturas com o auxílio de uma pena de gavião presa ao orifício do septo nasal. De imensas raízes que envolvem a terra de todos os homens, Halu, halu quer dizer o chonekisu significa árvore. **Haluhalunekisu** é za, para que o tempo volte à normalidade. a 'árvore do choro da mulher-espírito' que está no firmamento, no universo e, abaixo dela, o mundo dos homens.

do frondoso vegetal. Ele não está só. Nos galhos da figueira vivem as aves tesoureiros takakaihru, e curiangos, kwaiasu. Também moram as libélulas, **watitinsu**, encarregadas tamento dos habitantes da Terra. por Dauasununsu de fazer chover. Nos primórdios da humanidade, os insetos alados pezinhos a água da lagoa para fazer chover na terra. Jogavam água sem parar, prejudicando os indígenas que não podiam caçar, pescar e colher por estar a terra inundada. As incessantes chuvas provocaram um dilúvio que levaram os indígenas à morte, sobrevivendo apenas um velho.

conseguiu subir até à árvore sagrada e ensinar aos watintinsu a reconhecer as florzinhas novas do capim, a ouvir o estrondo dos cigarra a avisarem a chegada da chuva. Assim os watintinsu aprenderam a distribuir chuva com regularidade, sem ocasionar catástrofes ao povo Nambiguara.

povo indígena Nambiquara crê que também um gavião, dautatasu, ave rapina temida tanto pelos pássaros e insetos que moram na árvore como pelos experientes wanintesu que consequem seguir suas raízes e atingir o firmamento para renovar seus poderes espirituais junto a Dauasununsu. Quando se ouve o choro do filhote de gavião é sinal de que a Figueira necessita adquirir a vitalidade perdida e seu solo, ro da mulher-espírito, dona da Figueira; a terra dos homens, passar por uma limpe-

A vitalidade de Haluhalunekisu, a grande árvore do mundo, faz-se necessária para o equilíbrio do mundo dos índios Dauasununsu, ser supremo Nambiquara, e não índios. Essa tarefa é movida pelo conhecedor de todas as coisas, reina na copa repertório musical do wanintesu, entoado em sessões noturnas de cura, quando canta "O filhote de gavião está chorangrandes, dawisu, tesoureiros pequenos, si- do porque debaixo dela está muito sujo". Essa impureza refere-se ao mal compor-

Também chamada de 'árvore que segura o céu', **Haluhalunekisu** tem o amparo do desciam das árvores e espanavam com os pajé que deve estar constantemente atento ao canto noturno do gavião. Ao ouvir o quinchar da ave, deve viajar até ao vegetal sagrado e sugar seu tronco para retirar larvas que podem fazê-lo apodrecer. Dessa maneira, evitará a morte da Figueira, o que ocasionaria o céu cair sobre a humanidade.

Os primeiros sinais da insatisfação fu-O homem velho, com o auxílio das almas, riosa de Dauasununsu refletem nas folhas da copa da Haluhalunekisu, quando começam a amarelecer e cair. Todos os indígenas devem se preocupar em satisfazer os trovões e o canto estridente dos machos da desejos de Dauasununsu, que preza pela fartura de alimento, alegria, bondade e beleza; caso contrário, castigará a todos, indistintamente, com a escuridão. Não há como enganá-lo, pois guarda em sua me-Nos galhos de Haluhalunekisu vive mória todas as ações dos homens.

